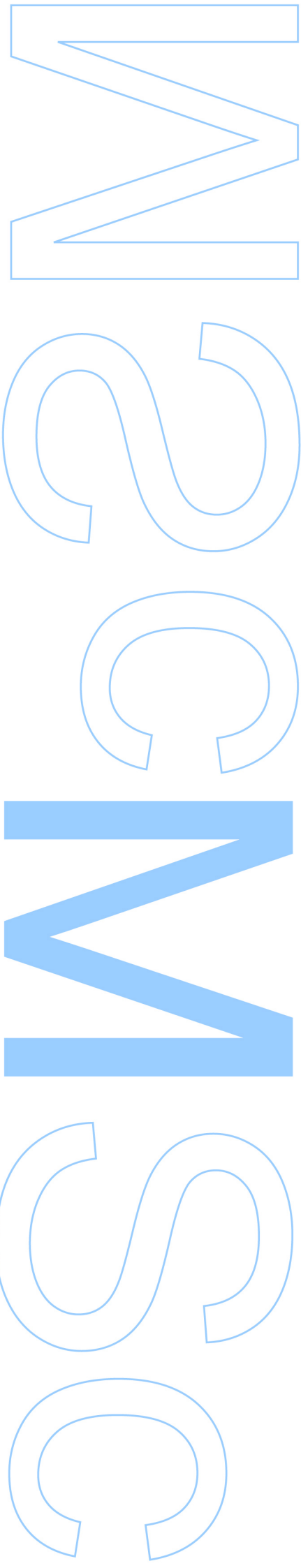


# [Re]qualificação da Paisagem do Xisto

## Caso de Estudo: Aldeia do Loural

Ricardo José Duarte Ventura  
Dissertação de Mestrado apresentada à  
Faculdade de Ciências da Universidade do Porto em  
Arquitetura Paisagista  
2013





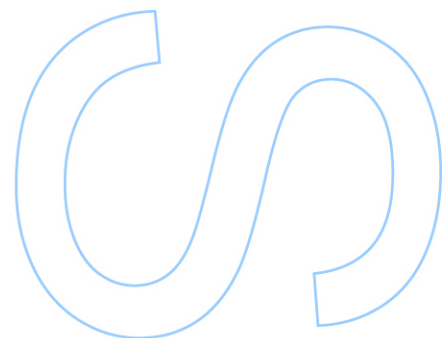
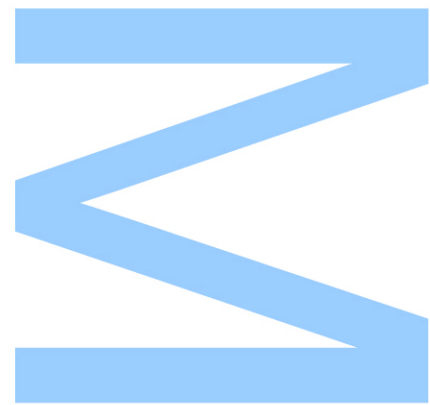
# [Re]qualificação da Paisagem do Xisto

## Caso de Estudo: Aldeia do Lournal

Ricardo José Duarte Ventura  
Mestrado em Arquitetura Paisagista  
Departamento de Geociências, Ambiente e Ordenamento do Território  
2013

### **Orientador**

Isabel Martinho da Silva, Prof.<sup>a</sup> Arq.<sup>a</sup> Paisagista, FCUP

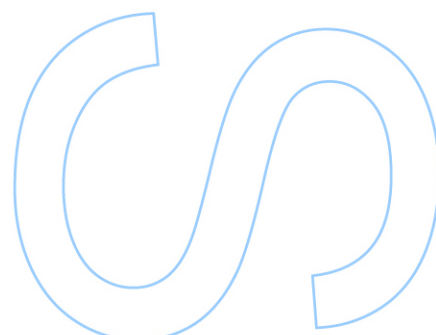
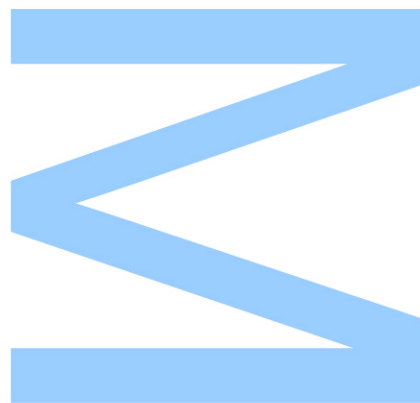




Todas as correções determinadas pelo júri, e só essas, foram efetuadas.

O Presidente do Júri,

Porto, \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_



“Brancura de alma na serra  
Nupcial, toda branca  
Que mão sinistra me arranca  
Deste chão fofo de paz?  
Ah! Vida, que não me dás  
Os mundos que me revelas!  
Só no outro mundo me consentes  
Desterrado, a suspirar  
Por cimos alvinitentes  
Onde não posso morar...”

Miguel Torga, *in* Diário X (sobre o Piódão)

*À memória do meu pai*

## Agradecimentos

À Prof. Arq.<sup>a</sup> Paisagista Isabel Silva, pela orientação desta dissertação.

Aos Professores da FCUP. Continuam a ser uma fonte de inspiração.

Ao Arq.<sup>o</sup> Carlos Santos, Eng.<sup>o</sup> Francisco e Tiana, coordenador e promotores do projeto de recuperação da aldeia do Loural.

A todos os que de alguma forma contribuíram para a elaboração desta dissertação.

A todos os meus colegas e amigos que sempre me acompanharam e apoiaram.

À minha família, principalmente irmão, Lurditas, sobrinhos e Mafalda pela importância que assumem na minha vida.

À Catarina, minha cara-metade, por todo o amor, paciência e apoio incondicional.

À minha mãe, por tudo o que fez e continua a fazer por mim.

Ao meu pai. Luto todos os dias para que, esteja onde estiver, continue a ter orgulho em mim.

## Resumo

Esta dissertação aponta para uma reflexão sobre a paisagem do xisto e sobre os modelos de intervenção com vista à sua (re)qualificação. É apresentado um estudo de uma paisagem com características distintas: a paisagem do xisto da serra do Açor e da serra da Lousã. Estas serras localizam-se na região centro de Portugal e juntamente com a serra da Estrela, formam a Cordilheira Central.

No enquadramento da problemática do tema, evidenciam-se modelos de intervenção de valorização e recuperação do património natural e construído, como estratégias de desenvolvimento sustentável.

O trabalho reflete de que forma as intervenções na paisagem do xisto poderão contribuir para o desenvolvimento sustentável destes territórios. São identificados e caracterizados os diferentes programas, políticas, instrumentos e respetivos modelos de intervenção na paisagem do xisto.

São ainda abordados os novos paradigmas rurais, linhas orientadoras e técnicas de recuperação utilizadas na intervenção da paisagem do xisto.

As considerações e perspetivas da análise da paisagem do xisto são aplicadas a um caso de estudo em concreto - a (re)qualificação da aldeia do Loural e paisagem envolvente.

### **Palavras-chave**

Paisagem do xisto, espaço rural, turismo, aldeias do xisto, aldeia do Loural, arquitetura paisagista.

## Abstract

This dissertation points to a reflection on the schist landscape and to the intervention models in order to requalify it. Is presented a study on a particular kind of landscape with distinct features: the schist landscape of the *serra do Açor* and *serra da Lousã*. These mountains are located in the central region of Portugal, and with the *serra da Estrela*, form the *Cordilheira Central*.

Under the problematic of the theme, intervention models of valorization and rehabilitation of the built and natural heritage are emerged, as sustainable development strategies.

The work reflects how the interventions in the schist landscape could contribute to the sustainable development of these territories. Are identified and characterized the different programs, policies, instruments and respective intervention models in the schist landscape.

Are also discussed the new rural paradigms, intervention guidelines and recovery techniques used in the intervention on the schist landscape.

Considerations and perspectives of the schist landscape analysis are applied in a study case in specific - the requalification of the Loural village and surrounding landscape.

### **Key words**

Schist landscape, rural areas, tourism, schist villages, Loural village, landscape architecture.



## Índice

Agradecimentos.....	iii
Resumo.....	iv
Abstract.....	v
Índice.....	vi
Índice de quadros e de figuras.....	viii
Lista de abreviaturas.....	x
<b>Capítulo 1. Introdução.....</b>	<b>1</b>
Âmbito do trabalho e problemática.....	1
Objetivos.....	3
Metodologia.....	3
<b>Capítulo 2. A paisagem do xisto.....</b>	<b>5</b>
Contextualização.....	5
A paisagem do xisto da serra do Açor e da serra da Lousã.....	6
Aldeias do xisto.....	11
Papel do turismo para as aldeias do xisto.....	13
<b>Capítulo 3. Intervenções na paisagem do xisto.....</b>	<b>16</b>
Instrumentos legais, políticos e estratégicos da paisagem.....	16
Programa das Aldeias do Xisto.....	17
Os novos paradigmas rurais.....	19
Linhas orientadoras de intervenção na paisagem do xisto.....	20
Técnicas de (re)qualificação das aldeias do xisto e paisagem envolvente.....	22
Paisagem do xisto.....	22
Aldeias do xisto.....	25
Exemplos de intervenções em paisagens do xisto.....	26
Aldeia do Piódão.....	26
Aldeia de Gondramaz.....	31
Aldeia da Cerdeira.....	34

<b>Capítulo 4. Caso de estudo: (re)qualificação da Aldeia do Loural</b> .....	<b>38</b>
Caracterização da aldeia do Loural e paisagem envolvente .....	38
Enquadramento geográfico .....	38
Enquadramento histórico.....	39
Acessibilidades .....	39
Hipsometria, declives e exposição Solar .....	40
Hidrografia.....	42
Inserção e organização interna .....	42
Estruturas construídas.....	43
Vegetação .....	44
Carácter do lugar .....	45
Análise SWOT .....	46
Enquadramento da proposta de intervenção para a aldeia do Loural e paisagem envolvente .....	47
Contextualização da proposta .....	47
Plano, metodologia e estratégia de intervenção .....	48
Descrição da proposta de intervenção .....	49
Espaço comum da aldeia .....	52
Socalcos e zonas adjacentes à aldeia.....	54
Zona envolvente da aldeia .....	56
Pavimentos .....	58
Estruturas construídas, mobiliário de exterior e iluminação .....	60
Vegetação .....	62
Drenagem .....	64
Rega .....	64
Perspetivas futuras e pós-intervenção .....	64
<b>Capítulo 5. Considerações finais</b> .....	<b>68</b>
<b>Referências bibliográficas</b> .....	<b>73</b>
<b>Anexos</b> .....	<b>78</b>

## Índice de quadros e de figuras

### Quadros

Quadro 01 - Índices de densidade populacional, envelhecimento e taxa de desemprego dos concelhos integrantes da serra do Açor e serra da Lousã (Fonte: INE e PORDATA) .....	10
Quadro 02 - Quadro resumo da análise SWOT .....	46

### Figuras

Fig.01 - Diagrama metodológico do trabalho .....	4
Fig.02 - Exemplo de paisagem do xisto (Fonte: foto do autor) .....	6
Fig.03 - Exemplo de paisagem do xisto (Fonte: foto de Bernardo Dias) .....	6
Fig.04 - Enquadramento geográfico da serra do Açor e da serra da Cebola em Portugal (Fonte: <a href="http://www.slideshare.net/geografias">www.slideshare.net/geografias</a> ) .....	6
Fig.05 - Extrato da Carta Hipsométrica de Portugal com a serra do Açor e da serra da Lousã (Fonte: <a href="http://www.igeoe.pt">www.igeoe.pt</a> ) .....	6
Fig.06 - Serra do Açor (Fonte: <a href="http://www.fotosantesedepois.com">www.fotosantesedepois.com</a> ) .....	7
Fig.07 - Serra da Lousã (Fonte: foto de Luís Ferreira) .....	7
Fig.08 - Mata da Margaraça (Fonte: foto de José Almeida) .....	8
Fig.09 - Sítio da Rede Natura 2000 da serra da Lousã (Fonte: foto de João Nunes da Silva).....	8
Fig.10 - Rio Ceira (Fonte: foto de Luís Ferreira) .....	9
Fig.11 - Ribeira da Pena (Fonte: foto de Tiago Rodrigues) .....	9
Fig.12 - Rede de acessibilidades da zona de estudo (Fonte: <a href="https://maps.google.pt">https://maps.google.pt</a> ) .....	10
Fig.13 - Esquema de desenvolvimento das aldeias do xisto (Fonte: Autor) .....	11
Fig.14 - Aldeia do Talasnal (Fonte: foto de Hugo Capela) .....	12
Fig.15 - Aldeia do Piódão (Fonte: foto de Rui Pajares) .....	12
Fig.16 - Concelhos onde se situam as aldeias do xisto (Fonte: Património Construído e Desenvolvimento em Áreas de Montanha: O Exemplo da serra da Lousã) .....	17
Fig.17 - Localização das aldeias do xisto (Fonte: Rede das Aldeias do Xisto) .....	17
Fig.18 - Vista geral da aldeia do Piódão (Fonte: foto de Carlos Duarte) .....	27
Fig.19 - Interior da aldeia do Piódão (Fonte: foto de Pedro Diniz) .....	27
Fig.20 - Tipologia de utilização dos imóveis do Piódão (Fonte: Correia, 2009) .....	28
Fig.21 - Ortofotomapa do Piódão e identificação do património e intervenções realizadas no âmbito do Programa das Aldeias Históricas (Fonte: Ferreira, 2011) .....	30
Fig.22 - Vista geral da aldeia de Gondramaz (Fonte: foto de Manuel Campos Coroa) .....	32
Fig.23 - Interior da aldeia de Gondramaz (Fonte: foto de Paulo Simões) .....	32

Fig.24 - Tipologia de utilização dos imóveis de Gondramaz (Fonte: Silva, 2009) .....	33
Fig.25 - Imóveis e espaços públicos de Gondramaz (Fonte: Silva, 2009) .....	34
Fig.26 - Vista geral da aldeia da Cerdeira (Fonte: foto de Maria Madeira) .....	35
Fig.27 - Interior da aldeia da Cerdeira (Fonte: foto de Maria Madeira) .....	35
Fig.28 - Tipologia de utilização dos imóveis da Cerdeira (Fonte: Moreira, 2011) .....	36
Fig.29 - Planta de diagnóstico dos imóveis existentes da aldeia (Fonte: Moreira, 2011) ....	37
Fig.30 - Enquadramento geográfico da aldeia do Loural (Fonte: Autor) .....	38
Fig.31 - Carta de hipsometria do Loural (Fonte: Autor) .....	38
Fig.32 - Rede de acessibilidades à aldeia do Loural (Fonte: Autor) .....	40
Fig.33 - Hipsometria do Loural (Fonte: Autor) .....	40
Fig.34 - Declives do Loural (Fonte: Autor) .....	41
Fig.35 - Exposição solar do Loural (Fonte: Autor) .....	41
Fig.36 - Hidrografia da aldeia do Loural (Fonte: Autor) .....	42
Fig.37 - Vista da entrada da aldeia (Fonte: foto do autor) .....	43
Fig.38 - Vista geral da aldeia (Fonte: foto do autor) .....	43
Fig.39 - Levantamento topográfico da aldeia e localização do conjunto edificado (Fonte: PuraPoesia . arquitectura, planeamento & design) .....	43
Fig.40 - Vista de um conjunto habitacional da aldeia (Fonte: foto de Carlos Manuel dos Santos) .....	44
Fig.41 - Vista de uma das habitações da aldeia (Fonte: foto do autor) .....	44
Fig.42 - Vista geral da paisagem envolvente da aldeia (Fonte: foto do autor) .....	44
Fig.43 - Alguns carvalhos da paisagem envolvente da aldeia (Fonte: foto do autor) .....	44
Fig.44 - Vista geral da aldeia (Fonte: foto do autor) .....	45
Fig.45 - Um dos cenários existentes na aldeia (Fonte: foto do autor) .....	45
Fig.46- Plano geral da proposta de intervenção .....	50
Fig.47 - Corte S-N da proposta de intervenção .....	51
Fig.48 - Destaque do espaço comum da aldeia do Loural (Fonte: Autor) .....	53
Fig.49 - Destaque da área dos socalcos e zonas adjacentes ao Loural (Fonte: Autor) .....	55
Fig.50 - Destaque da zona envolvente à aldeia do Loural (Fonte: Autor) .....	57
Fig.51 - Tipologias de pavimentos da proposta de intervenção (Fonte: Autor) .....	59
Fig.52 - Tipologias de estruturas construídas, equipamentos e mobiliário de exterior da proposta de intervenção (Fonte: Autor) .....	61
Fig.53 - Tipologias de vegetação da proposta de intervenção (Fonte: Autor) .....	63
Fig.54 - Modelação virtual da proposta (Fonte: Autor) .....	66
Fig.55 - Modelação virtual da proposta (Fonte: Autor) .....	66
Fig.56 - Modelação virtual da proposta (Fonte: Autor) .....	67
Fig.57 - Modelação virtual da proposta (Fonte: Autor) .....	67

## Lista de abreviaturas

A - Autoestrada

ADXTUR - Agência para o Desenvolvimento Turístico das Aldeias do Xisto

BTT - Bicicleta Todo o Terreno

CCDRC - Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro

CMG - Câmara Municipal de Góis

DL - Decreto-Lei

FEDER - Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional

EM - Estrada Municipal

EN - Estrada Nacional

IC - Itinerário Complementar

INE - Instituto Nacional de Estatística

IP - Itinerário Principal

IPPAR - Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico

LED - Light Emitting Diode

PDR - Programa de Desenvolvimento Rural

PIB - Produto Interno Bruto

PNDR - Plano Nacional de Desenvolvimento Rural

RAX - Rede das Aldeias do Xisto

RGEU - Regulamento Geral das Edificações Urbanas

SWOT - Strengths, Weaknesses, Opportunities and Threats

TER - Turismo em Espaço Rural

WTTC - World Travel and Tourism Council

# Capítulo 1. Introdução

## Âmbito do trabalho e problemática

A escolha do tema desta dissertação - (re)qualificação da paisagem do xisto - surge, para mim, com naturalidade. Por um lado, por se tratar de um tema de grande interesse pessoal e com o qual me identifico bastante e, por outro, por me encontrar atualmente a viver e a trabalhar numa zona de xisto da Beira Serra onde tive a oportunidade de realizar alguns projetos de requalificação da paisagem desta região. Um desses trabalhos foi a proposta de requalificação da aldeia do Loural e paisagem envolvente, o qual, considero como um dos mais interessantes trabalhos que já realizei. Este facto, aliado à minha relação afetiva a este local, contribuiu para a escolha do Loural como caso de estudo desta dissertação.

A paisagem sempre foi alvo de intervenções e transformações mais ou menos profundas, de maior ou menor escala, no sentido da sua adaptação às necessidades do homem. Atualmente, torna-se premente refletir sobre os processos de intervenção na paisagem, os aspetos positivos e negativos associados, os impactos no meio ambiente e nas comunidades locais, a sustentabilidade dos ecossistemas, a valorização da paisagem e o contributo para a melhoria da qualidade de vida das populações.

Qualquer intervenção na paisagem, de grande ou pequena dimensão, deve ter em conta o carácter complexo e dinâmico da paisagem, a sua história, os constrangimentos e potencialidades do local a intervir, as características biofísicas e antrópicas da paisagem e as aptidões e capacidades dos territórios. De igual forma, devem ser equacionados as expectativas económicas e sociais das comunidades utilizadoras/fruidoras da paisagem a intervir (D'Abreu, 2012).

O termo “(re)qualificação” da paisagem do xisto surge nesta dissertação com a finalidade de dar uma maior abrangência em termos de significado da expressão. Podendo entender-se requalificação da paisagem como recuperação ambiental, cultural e paisagística ou como qualificação da paisagem no âmbito da beneficiação das características da paisagem.

No âmbito deste trabalho, procurar-se-á refletir sobre as intervenções e modificações na paisagem do xisto de uma região em particular: a serra do Açor e a serra da Lousã. A informação recolhida será aplicada e relacionada na proposta de intervenção ao nível da arquitetura paisagista para a aldeia do Loural e paisagem envolvente. Esta proposta teve como ponto de partida o desafio lançado por dois promotores privados que adquiriram a

aldeia com o intuito de proceder à sua (re)qualificação para fins turísticos. O projeto dos espaços exteriores foi desenvolvido a partir e em consonância com o projeto de arquitetura para o conjunto edificado realizado pelo atelier PuraPoesia | arquitectura, planeamento & design.

A região correspondente à serra do Açor e serra da Lousã enfrenta, hoje em dia, grandes desafios no que diz respeito à procura de condições para o seu desenvolvimento “sustentável”. A desertificação, a redução da taxa de natalidade, o envelhecimento da população, o isolamento geográfico e a distância aos grandes centros urbanos são constrangimentos que influenciam o combate ao cenário atual destes territórios.

No entanto, o património natural, cultural e etnográfico destas serras é rico e diversificado, com principal destaque para as aldeias de xisto. Apesar de muitas destas aldeias constituírem atualmente lugares esquecidos no meio da serra onde o progresso levou as suas gentes para outras paragens, possuem simultaneamente um conjunto de diversas potencialidades.

A problemática da paisagem do xisto da serra do Açor e serra da Lousã revela que estes locais são detentores de novas dinâmicas causadas pelo processo de desertificação e que incentivam a novas abordagens. O surgimento de novos paradigmas rurais obrigam a redefinir os termos de intervenção nestes territórios. Torna-se necessário o surgimento de novos modelos de intervenção, de valorização e (re)qualificação das aldeias do xisto e paisagens envolventes, como estratégias de desenvolvimento económico e social, quer na criação de emprego, quer na valorização dos próprios locais, sem colocar em causa a exploração dos recursos naturais. Deverão ser desenvolvidas novas ações de índole ambiental, económico e social que recuperem e fortaleçam o verdadeiro carácter rural e contribuam eficazmente para o desenvolvimento destes territórios.

O turismo é encarado como um pilar fundamental para o desenvolvimento destes locais, através da criação de emprego, da dinamização de atividades económicas associadas e do incentivo à recuperação cultural e paisagística do património natural e construído. Contudo, o turismo deverá ser encarado como complemento a outros processos do desenvolvimento das aldeias do xisto e paisagem envolvente, por forma a evitar situações de sobre exploração dos recursos e de perda da originalidade e autenticidade dos locais. Para tal, é necessário que as populações estejam envolvidas em todos os processos de intervenção no mundo rural (Silva, 2009), como por exemplo numa intervenção participativa, onde a população tem voz ativa nas ações a serem levadas a cabo na intervenção nos territórios.

## Objetivos

Esta dissertação tem como objetivo principal, a análise, reflexão e avaliação da (re)qualificação da paisagem do xisto, do ponto de vista ambiental, económico e social. Sendo o estudo de todas as paisagens do xisto de Portugal uma tarefa demasiado ambiciosa no contexto desta dissertação, este trabalho foca-se na paisagem do xisto da serra do Açor e serra da Lousã e apresenta como caso de estudo: a (re)qualificação da aldeia do Loural.

Os objetivos específicos deste trabalho são os seguintes:

- Analisar a paisagem do xisto da serra do Açor e serra da Lousã;
- Identificar, contextualizar e caracterizar as aldeias do xisto da região em estudo;
- Efetuar uma revisão bibliográfica sobre a recuperação de aldeias do xisto para suportar a proposta de (re)qualificação da aldeia do Loural;
- Refletir sobre o papel dos instrumentos, programas e políticas de paisagem relevantes para a região em estudo;
- Analisar e caracterizar a aldeia do Loural;
- Realizar uma análise SWOT da aldeia do Loural;
- Apresentar uma proposta de (re)qualificação para a aldeia do Loural;
- Refletir sobre as valências da proposta de intervenção e perspetivas futuras.

## Metodologia

A metodologia de trabalho, representada na Figura 1, encontra-se estruturada em diferentes fases e utiliza técnicas e princípios metodológicos da arquitetura paisagista, disciplina fundamental na defesa da paisagem e sua (re)qualificação.



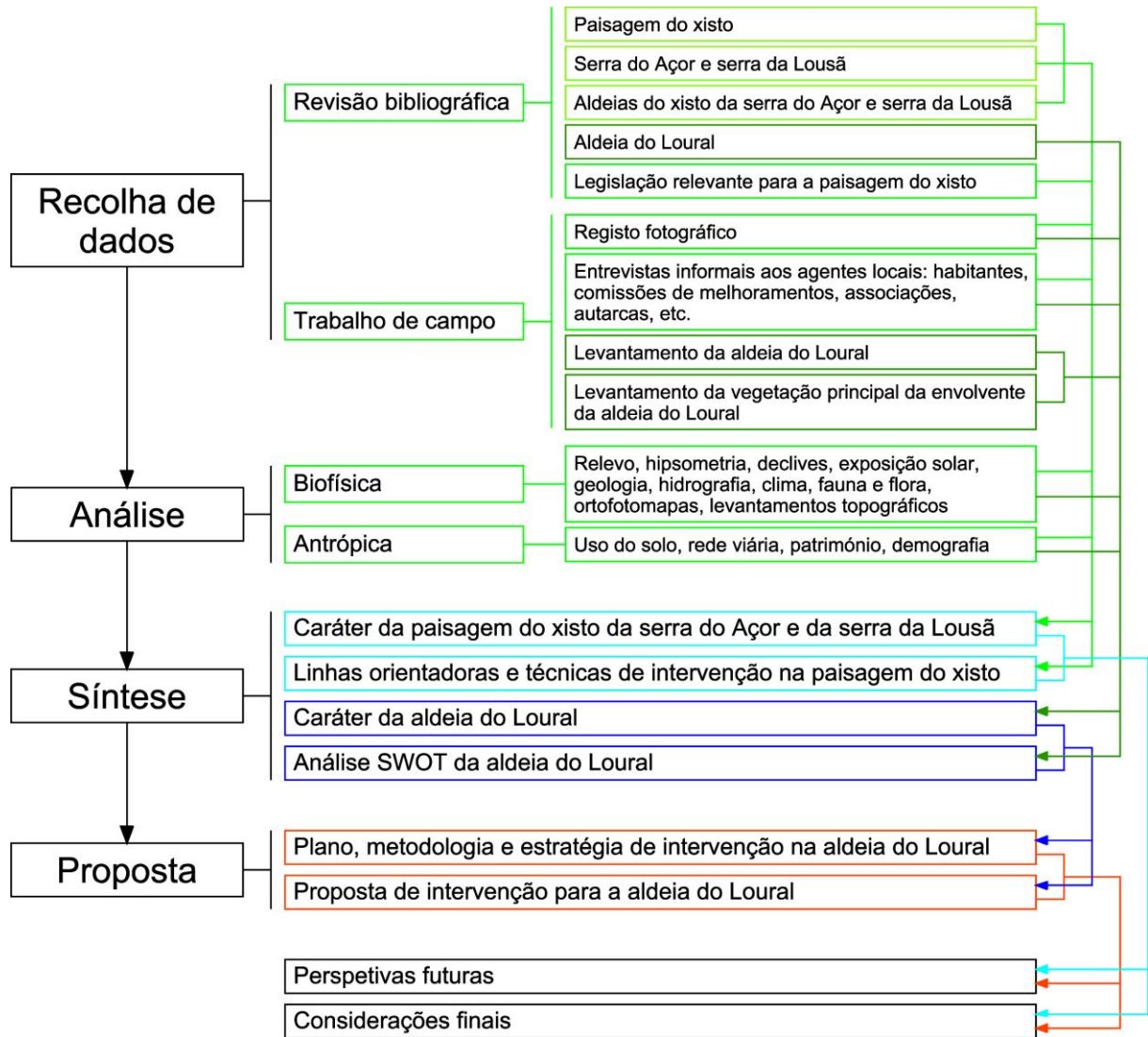


Fig.01 - Diagrama metodológico do trabalho

## Capítulo 2. A paisagem do xisto

### Contextualização

A discussão em torno da definição de paisagem é altamente complexa e demasiado extensa para ser analisada nesta dissertação. No entanto, é importante reter que paisagem é o resultado da dinâmica de um sistema, onde os diversos fatores e processos naturais e humanos interagem e evoluem em conjunto, podendo também representar uma apreciação emotiva por parte de quem a observe ou com ela se relaciona (Catita, 2012).

Em termos geológicos, a paisagem é uma extensão de território que se abrange com um lance de vista e onde se podem detetar vários tipos de rochas que condicionam a morfologia dos terrenos. As paisagens são esculpidas por 3 tipos de rochas: magmáticas, sedimentares e metamórficas, e resultam da rocha em afloramento e da ação dos agentes erosivos (chuva, neve, vento, etc.) sobre as rochas ao longo do tempo geológico (Espaço Ciências).

A paisagem do xisto é esculpida por rochas metamórficas – rochas que surgem através da transformação de outras rochas, sejam elas magmáticas, sedimentares ou mesmo metamórficas. O metamorfismo surge principalmente devido ao calor, pressão e fluidos que ocorrem no interior da crosta terrestre. O metamorfismo pode levar a rocha a sofrer alterações apenas físicas, como o crescimento de cristais, ocasionando novas texturas; ou a alterações químicas, como o surgimento de novos minerais por recombinação; ou ainda físicas e químicas conjuntamente (Fontes, 1984).

A paisagem do xisto normalmente apresenta uma interminável repetição de colinas arredondadas (ver figura 02). É possível observar nela, um emaranhado de vales ou simples regos por vezes secos no verão (ver figura 03). O solo desta paisagem geralmente caracteriza-se por ser pobre e delgado. O seu uso é pouco intenso, abundando as terras não cultivadas (Infopedia). Normalmente, as populações da paisagem do xisto da serra do Açor e serra da Lousã agrupam-se, não em grandes aldeias mas em pequenos casais dispersos, instalados junto de modestas culturas agrícolas.



Fig.02 - Exemplo de paisagem do xisto (serra do Açor)  
(Fonte: foto do autor)



Fig.03 - Exemplo de paisagem do xisto (Piódão)  
(Fonte: foto de Bernardo Dias)

### A paisagem do xisto da serra do Açor e da serra da Lousã

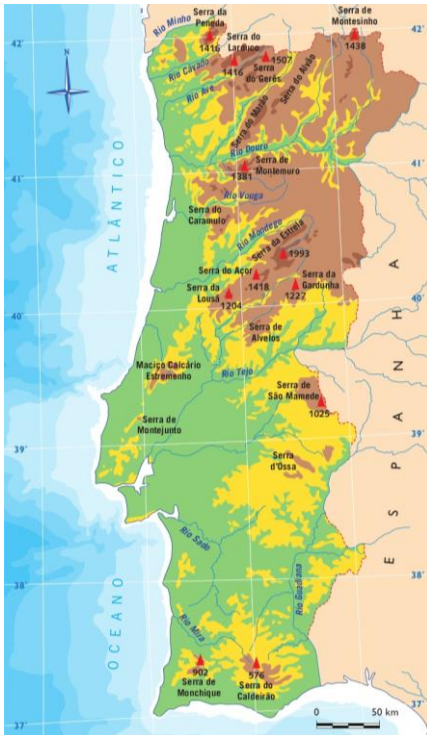


Fig.04 - Enquadramento geográfico da serra do Açor e da serra da Cebola em Portugal  
(Fonte: [www.slideshare.net/geografias](http://www.slideshare.net/geografias))

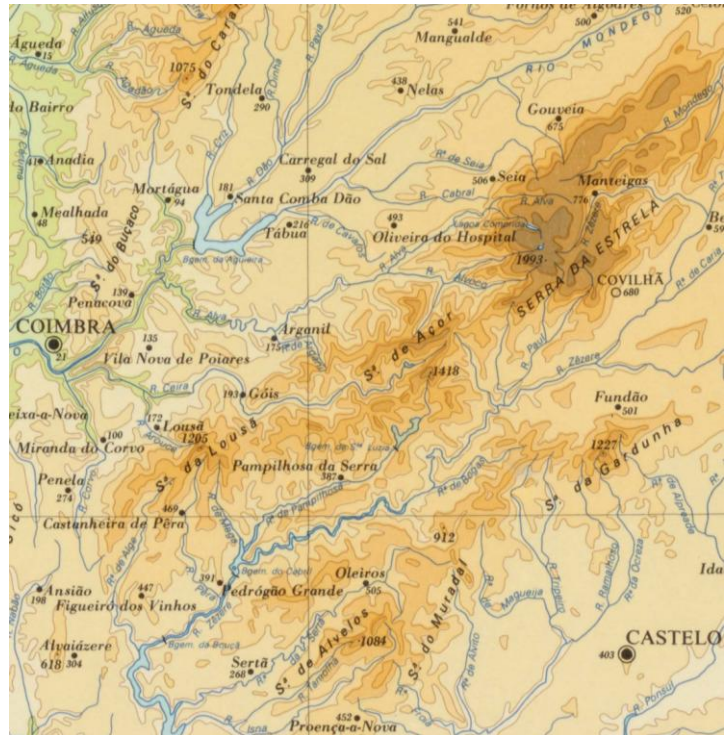


Fig.05 - Extrato da Carta Hipsométrica de Portugal com a serra do Açor e da serra da Lousã  
(Fonte: [www.igeoe.pt](http://www.igeoe.pt))

A serra do Açor e a serra da Lousã, juntamente com a serra da Estrela, formam o mais importante conjunto montanhoso de Portugal: a Cordilheira Central ou Sistema Central Divisório (Lourenço, 1997). Este alinhamento, fundamentalmente de formação xistosa e pré-câmbria é geologicamente muito antigo, possui orientação no sentido nordeste-sudoeste (ver figura 05) e divide sensivelmente a meio o território português. Estas serras administrativamente abrangem os seguintes concelhos: Arganil, Castanheira de Pera,

Figueiró dos Vinhos, Góis, Lousã, Miranda do Corvo, Oliveira do Hospital, Pampilhosa da Serra e Seia.

O relevo desta região é bastante diversificado, com a ocorrência de vales e declives abruptos contrastantes com zonas planas (ver figura 06 e 07). A altitude varia sensivelmente entre os 200m e 1400m. Existem vários pontos de grande altitude, dos quais se destacam: o Monte do Colcurinho (1242m de altitude), o Alto de S. Pedro (1341m), o Alto Ceira e o Pico da Cebola (1400 m) na serra do Açor; e o Alto do Trevim (1205m) na serra da Lousã. Todos estes locais são zonas de grande beleza e pontos de interesse paisagístico e turístico a visitar e preservar.



Fig.06 - Serra do Açor  
(Fonte: www.fotosantesedepois.com)



Fig.07 - Serra da Lousã  
(Fonte: foto de Luís Ferreira)

Existem diversas áreas protegidas, com principal destaque para a área de Paisagem Protegida da Serra de Açor, onde se inclui a Mata da Margaraça<sup>1</sup> (ver figura 08) e os sítios de Rede Natura 2000<sup>2</sup> (ver figura 09) da serra da Lousã.

Em termos climáticos, segundo Neves (1996), esta zona situa-se na área de clima pré-atlântico, sub-húmido. No entanto, as influências climáticas na serra do Açor e na serra da

<sup>1</sup> A Mata da Margaraça, com cerca de 50ha, situa-se entre os 600 e os 850m, numa vertente da serra do Açor, entre as aldeias de Pardieiros e de Relva Velha. Dos ecossistemas presentes, a Mata da Margaraça destaca-se, como relíquia de floresta primitiva de carvalho alvarinho do centro do país. Caracterizada pela presença de alguns elementos de cariz mediterrânico como o medronheiro, o folhado e o loureiro. No estrato arbóreo da Margaraça dominam o carvalho roble e o castanheiro. É possível encontrar em menor abundância outras caducifólias como aveleiras, ulmeiros, cerejeiras e nogueiras. A presença de exemplares de grande porte de espécies como o azevinho e o azereiro contribuem para a riqueza desta Mata. A presença de espécies de grande interesse científico levou à classificação como Reserva Biogenética do Conselho da Europa (ICN, 2000-2006).

<sup>2</sup> A Rede Natura 2000 é uma rede de áreas designadas para conservar os habitats e as espécies selvagens raras, ameaçadas ou vulneráveis na União Europeia. Resulta da implementação de duas directivas comunitárias distintas: Directiva Aves (79/409/CEE, de 2 de Abril), relativa à conservação das aves selvagens e Directiva Habitats (92/43/CEE, de 21 de Maio), relativa à protecção dos habitats e da fauna e flora selvagens. A serra da Lousã é, atualmente, um dos sítios da Lista Nacional de Sítios da Rede Natura 2000 ao abrigo da Directiva Habitats (92/43/CEE) publicado em Resolução do Conselho de Ministros n.º 76/2000 de 5 de Julho. Surge com o código PTCON0060 serra da Lousã 15 158,11 W 8 11 N 40 5 Sítio da Lista Nacional de Sítios ao abrigo da Directiva Habitats (92/43/CEE) publicado em Resolução do Conselho de Ministros n.º 76/2000 de 5 de Julho.

Lousã variam desde as atlânticas, nas vertentes expostas a noroeste, até às mediterrânicas, nas expostas a sudeste e vales abrigados (Lozano *et al.*, 2000).

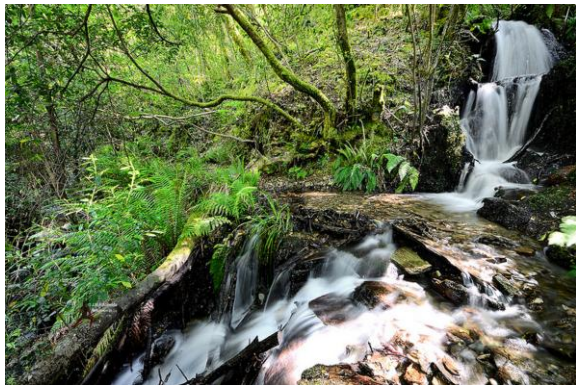


Fig.08 - Mata da Margaraça  
(Fonte: foto de José Almeida)

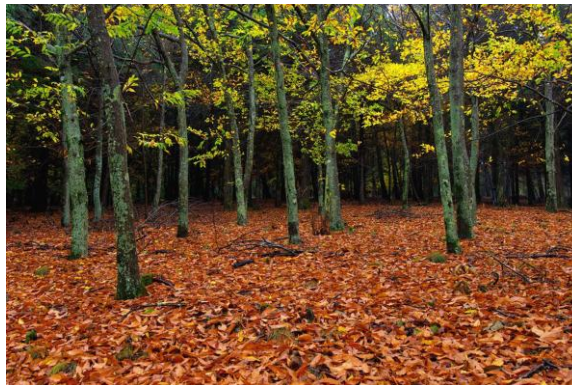


Fig.09 - Sítio da Rede Natura 2000 da serra da Lousã  
(Fonte: foto de João Nunes da Silva)

Da análise dos valores de precipitação e temperatura, segundo a sua distribuição anual, resultam quatro períodos distintos:

- i) Um período quente e seco nos meses de junho a setembro, com temperaturas médias entre os 18,2°C e 21,4°C e precipitações inferiores a 300mm;
- ii) Um período chuvoso entre novembro e março com precipitação superior a 2000mm e frio, particularmente entre dezembro e fevereiro, com temperaturas médias entre 6,9°C e 7,6°C;
- iii) Um período de transição de primavera (março a maio) com temperaturas médias de 9,8°C a 15,2°C e precipitação rondando os 1300mm;
- iv) Um período de transição de outono (de outubro a novembro) com temperaturas médias entre 15,4°C e 10,2°C e precipitação semelhante à do período frio (ICN, 2000-2006).

As influências climáticas refletem-se na vegetação, pois nas vertentes noroeste, surgem espécies como o *Quercus robur*, o *Quercus pyrenaica*, a *Castanea sativa* e a *Cytisus sp*, enquanto que nas encostas a sudeste, surgem o *Quercus suber*, o *Quercus ilex*, o *Arbutus unedo*, a *Cistus sp* e a *Erica sp* (Lozano *et al.*, 2000). Supõe-se que no passado, estas serras tenham sido totalmente cobertas por carvalhos e sobreiros mas devido às alterações climáticas e à interferência humana (Paiva 1988), ocorreram grandes alterações ao nível do coberto vegetal, predominando atualmente os pinheiros, eucaliptos e acácias.

Da fauna local da serra do Açor, salienta-se a presença do açor, ave de rapina que deu nome à serra e que convive com outras aves como a coruja-do-mato e o gavião. Encontram-se também vários mamíferos como o javali e a gineta, e cerca de 240 espécies de borboletas. Na serra da Lousã evidenciam-se espécies como a salamandra-lusitânica, o

guarda-rios e espécies de interesse cinegético como o coelho-bravo, o javali ou o veado. O veado é atualmente um dos maiores pólos de interesse desta serra.

Para além da riqueza da flora e da fauna, este território é ainda abundante em água, tendo como principais linhas de água: o rio Alva e rio Zêzere nos limites norte e sul, respetivamente, e o rio Ceira (ver figura 10) a dividir a serra do Açor da serra da Lousã. Percorrem ainda nesta zona diversos rios e ribeiras, como o rio Alvoco, o rio Corvo, o rio Arouce, a ribeira de Arganil, a ribeira de Pampilhosa, a ribeira de Pêra, a ribeira de Mega, a ribeira de Alge, a ribeira da Pena (ver figura 11), entre outros.



Fig.10 - Rio Ceira  
(Fonte: foto de Luís Ferreira)

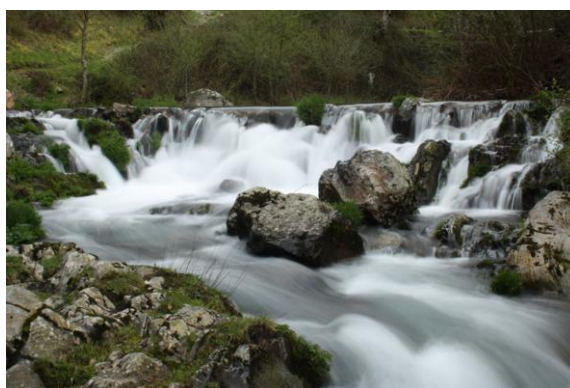


Fig.11 - Ribeira da Pena  
(Fonte: foto de Tiago Rodrigues)

Ao nível de acessibilidades rodoviárias (ver figura 12), esta região apresenta grandes debilidades, seja ao nível dos acessos a itinerários principais e complementares, seja devido à rede de estradas deficitária dos municípios incluídos na área em estudo.

A estrutura viária principal desta área é composta por:

- IC 6 (atravessa Arganil, ligando Coimbra à Covilhã);
- Estradas nacionais (N2, N112, N342, N230, N236-1, etc.);
- Estradas municipais.

A zona em estudo desenvolve-se a nascente da A1, principal via de ligação dos grandes centros urbanos do país e às capitais de distrito desta zona. Como principais vias de comunicação rodoviária nas imediações existe:

- IP3 a norte (Liga Coimbra a Viseu);
- A13 a poente (atravessa Penela, Ansião e Alvaiázere para ligar Coimbra a Torres Novas);
- IC8 a sul (liga Ansião, Figueiró dos Vinhos e Pedrógão Grande);
- A23 a nascente (Liga Torres Novas à Guarda).



Fig.12 - Rede de acessibilidades da zona de estudo (Fonte: <https://maps.google.pt>)

Como se pode observar no Quadro 1, no que se refere à densidade populacional, esta região tem vindo a registar perdas populacionais consideráveis. Em relação ao índice de envelhecimento constata-se a presença de índices elevados em praticamente todos os municípios considerados. Mas, para além da baixa densidade e envelhecimento populacional, o desemprego e a litoralização dos investimentos constituem, atualmente grandes obstáculos ao desenvolvimento local.

Concelho	Densidade populacional (n.º médio de indivíduos por km <sup>2</sup> )		Índice de envelhecimento (rácio %)		Taxa de desemprego (%)	
	1960	2011	1960	2011	1960	2011
Arganil	57,8	36,5	52,3	269,0	2,5	9,9
Castanheira de Pera	85,9	47,8	43,5	295,9	6	14,4
Figueiró dos Vinhos	66,5	35,6	41,4	277,8	1,8	15,1
Góis	37,0	16,2	53,9	310,5	2,5	9,6
Lousã	100,4	127,2	42,1	113,6	2,8	11
Miranda do Corvo	101,3	103,6	44,6	154,2	1,6	10
Oliveira do Hospital	112,1	88,9	41,6	181,8	2,7	11,4
Pampilhosa da Serra	33,7	11,3	36,3	589,7	1,6	9,5
Seia	79,0	56,7	32,2	234,6	4	13,2
Média concelhos analisados	74,9	58,2	43,1	269,7	2,8	11,6

Quadro 01 - Índices de densidade populacional, envelhecimento e taxa de desemprego dos concelhos integrantes da serra do Açor e serra da Lousã (Fonte: INE e PORDATA)

Em termos de uso do solo, a maior parte deste território é ocupado por florestas, principalmente de pinheiro e eucalipto (recurso importante na economia desta região) e por matos arbustivos. Nas zonas aluvionares e junto às linhas de água, predomina o uso agrícola, refletindo a fertilidade dos solos sedimentares. A exploração é feita em pequenas parcelas de terra dedicadas à policultura, de forma intensiva e com recurso a mão de obra “familiar”. A agricultura e a silvicultura, bem como as áreas de proteção da natureza e biodiversidade ocupam uma porção significativa da superfície deste território. A restante área é composta por solos urbanos (SPI, 2009).

## Aldeias do xisto

A ocupação humana da região da serra do Açor e serra da Lousã estará relacionada provavelmente com migrações ancestrais e rotas de transumância. Os pastores e restantes pessoas envolvidas nestas migrações foram fixando-se, pouco a pouco, em pequenos aglomerados espalhados por estas serras xistosas (Henriques, 1989).

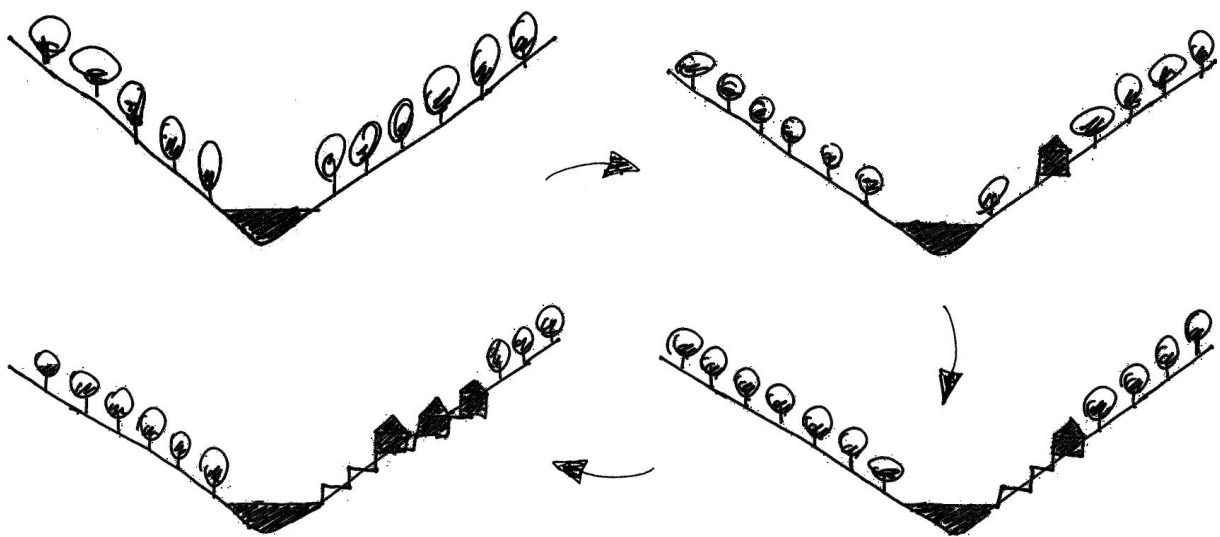


Fig.13 – Esquema de desenvolvimento das aldeias do xisto (Fonte: Autor)

A fixação das populações e conseqüente construção de habitação, normalmente ocorria na meia encosta das vertentes das serras. A restante paisagem era ocupada por floresta nas zonas superiores e terrenos agrícolas nas zonas inferiores, armados em socalcos sustentados por muros de pedra (ver figura 13). Esta disposição ocorria por forma a tirar o máximo partido dos recursos existentes. Nas zonas mais baixas, uma vez que os terrenos eram menos declivosos e existia uma maior abundância de água, predominava o uso agrícola. A meia encosta, normalmente em zonas mais abrigadas, surgiam as habitações e



currais, e no topo das encostas, prevalecia a floresta, fonte de alimento (através da caça) e matéria-prima (madeira) para a construção das habitações.

Durante séculos, as populações locais viveram essencialmente da agricultura e pastorícia, e a construção das casas refletia as limitações de recursos destes locais: as casas das aldeias eram construídas a partir de matérias-primas fornecidas pela natureza e pelo meio envolvente. Na construção das habitações, era utilizado o xisto e a ardósia (pedras abundantes na região), a madeira e o colmo.

As habitações mais primitivas apresentavam só um piso, as paredes eram construídas em xisto, pedra sobre pedra, sem argamassa e possuíam cobertura de colmo ou ardósia. Mais tarde, começaram a ser construídas casas com pedras assentes numa massa de argila e palha. Eram constituídas maioritariamente por currais ou lojas térreas - destinadas aos animais ou a armazém agrícola - e por um piso superior, com uma divisão ampla que servia para habitação. Só na segunda metade do século XIX, o segundo piso passa a ser compartimentado por finas tábuas que separavam as divisões da casa (Fernandes *et al.*).

O espaço público das aldeias era essencialmente constituído por:

- Eiras (locais de utilização comunitária para trabalhos agrícolas como a secagem dos cereais, ou para lazer e convívio dos habitantes) e fontes;
- Pequenas vielas e espaços estreitos entre as casas em terra batida ou calçada de xisto;
- Escadarias intermináveis com degraus de vários tamanhos em pedra, sempre que o declive assim o exigia.



Fig.14 - Aldeia do Talasnal  
(Fonte: foto de Hugo Capela)



Fig.15 - Aldeia do Piódão  
(Fonte: foto de Rui Pajares)

Ao longo das últimas décadas, estas aldeias do xisto têm vindo a sofrer diversas transformações, nomeadamente no que diz respeito às habitações e ao espaço público circundante. Os principais agentes destas transformações têm sido os habitantes locais, os proprietários das casas e terrenos, as autarquias, as comissões de melhoramentos, as

associações culturais, os compadres de baldios, entre outros agentes locais. Os programas comunitários e nacionais de incentivo ao investimento, intervenção e desenvolvimento local também têm vindo a assumir um papel de destaque na modificação destes espaços rurais.

Atualmente, muitas das aldeias do xisto da serra do Açor e serra da Lousã constituem autênticos pólos de atração turística - ao nível do turismo rural<sup>3</sup>, do turismo cultural<sup>4</sup>, do turismo de aventura<sup>5</sup>, do ecoturismo<sup>6</sup> e do agroturismo<sup>7</sup> - suficientemente dinâmicos, do ponto de vista da estimulação e criação de uma nova base económica e social de captação de visitantes e de incentivo ao investimento privado (ADXTUR).

## Papel do turismo para as aldeias do xisto

O turismo constitui atualmente uma das maiores atividades económicas mundiais. Estima-se que em 2010, a indústria do turismo gerou, direta e indiretamente, 4.427 bilhões de euros, o equivalente a 9,2% do total do PIB mundial e terá empregado 235,8 milhões de pessoas, cerca de 8,1% do emprego total mundial (WTTC, 2010).

O turismo é uma atividade dinâmica, sofrendo constantes transformações das quais surgem novas formas de turismo: turismo em espaço rural, turismo de natureza, ecoturismo, agroturismo, turismo de aventura, etc. O turismo adapta-se ao sistema socioeconómico de oferta/procura e aos requisitos do mercado. A pressão turística acaba, muitas vezes, por transformar os locais e as atividades em simples produtos para o consumo humano (Silva, 2009). Presentemente, o turismo em espaço rural, apresenta-se como uma solução emergente na problemática da valorização do território rural, pelo que tem vindo a constituir um importante veículo de desenvolvimento para as zonas mais desfavorecidas em Portugal, de que é exemplo, a região aqui abordada. Neste contexto, têm-se observado nas paisagens rurais diversas alterações, no que diz respeito a novos conceitos e modelos de intervenção e desenvolvimento.

---

<sup>3</sup> Turismo rural é o conjunto de atividades turísticas no meio rural, com o objetivo de oferecer aos turistas, a oportunidade de reviver as práticas, a gastronomia, os valores e as tradições das sociedades rurais, beneficiando de modelos de hospedagem e acolhimento personalizados no espaço rural.

<sup>4</sup> Turismo cultural é o tipo de turismo que se apoia nos recursos de valor histórico, arqueológico, cultural ou etnográfico de um determinado local, sem comprometer a sua conservação e requalificação.

<sup>5</sup> Turismo de aventura é um sector turístico que compreende o movimento de turistas cujo atrativo principal é a prática de atividades e desportos de aventura de carácter recreativo.

<sup>6</sup> Ecoturismo ou turismo de natureza consiste em atividades turísticas que se desenvolvem em permanente contacto com a natureza, sem alterar o equilíbrio do meio ambiente, evitando desta forma possíveis danos para a natureza.

<sup>7</sup> Agroturismo é um tipo de turismo realizado em explorações agrícolas, que permite aos turistas o acompanhamento e conhecimento das atividades agrícolas e/ou a participação nas tarefas desenvolvidas.

A atividade turística foi a que mais beneficiou, nos últimos anos, dos apoios financeiros de programas nacionais e comunitários, sobretudo em territórios onde é mais difícil atrair investimentos (Moreno, 1999). Na serra do Açor e serra da Lousã, o turismo tem sido o eixo de intervenção mais privilegiado por essas políticas de desenvolvimento rural. As aplicações de capital têm sido principalmente canalizadas para a recuperação do património construído, nomeadamente para a (re)qualificação das aldeias do xisto desta região.

No entanto, nos últimos anos tem-se observado que este modelo de investimento não conduz a um desenvolvimento sustentável e principalmente não evita o fenómeno de desertificação. Os programas recuperam o património edificado, o espaço público e a paisagem do xisto e são responsáveis pela construção/melhoria de equipamentos, infraestruturas básicas e acessibilidades. Todavia, também transfiguram os espaços rurais e aldeias do xisto em “museus da ruralidade”, mais vocacionados para o usufruto das pessoas da cidade do que para os habitantes locais. Estas dinâmicas turísticas nos espaços rurais têm tornado o turista num cliente sedento de consumo e de um conhecimento baseado essencialmente no olhar turístico que a viagem lhe proporciona, evidenciado desta forma, o paradigma da “fetichização do rural” (Gomes *et al.*, 2008). As políticas são muitas vezes vocacionadas para a criação de emprego da população local, mas acarretam poucas preocupações no que diz respeito ao modo de vida dos habitantes locais e preservação dos seus hábitos e costumes.

Neste contexto, surge a questão: “quantas mais aldeias típicas conseguimos suportar?” (Figueiredo, 2004), não só em termos de apoios estatais e comunitários, mas como da própria sustentabilidade e viabilidade económica e social desses espaços rurais.

Teoricamente, a atividade turística no espaço rural é importante para a economia da região em estudo, uma vez que aumenta o consumo, motiva a diversidade de produção de bens e serviços e possibilita o lucro e a criação de emprego e rendas. No entanto, o turismo também pode acarretar impactos negativos para as populações locais, nomeadamente: desigualdades na distribuição dos benefícios, dos custos e dos lucros; devido ao aumento descontrolado do número de turistas pode criar desequilíbrios nos territórios locais; poluição e agressões naturais e culturais ao espaço rural.

Alguns estudos afirmam que o turismo exclusivamente não constitui uma boa base de desenvolvimento sustentável (Mergulhão *et al.*, 2004). Fatores como o aumento de competitividade do mercado turístico, a fraca singularidade dos locais e dos seus atrativos (naturais ou patrimoniais), a dificuldade em manter esses atrativos, as dinâmicas de degradação devido ao consumo excessivo dos recursos e a incompatibilidade de usos

causam debilidades na atividade turística. Como afirma Gonçalo Ribeiro Telles<sup>8</sup>: “não podemos separar a paisagem e trata-la como uma coisa para o turismo ou como um valor apenas de cenário”.

Algumas das soluções apontadas para combater estas debilidades do turismo em espaço rural são: a diferenciação de acordo com a singularidade dos recursos naturais, culturais, arquitetónicos, arqueológicos e das tradições dos locais a que pertencem; a definição de uma estratégia de planeamento e gestão sustentável das atividades turísticas; a manutenção do genuíno carácter rural dos locais; e a aposta num turismo de conservação dos valores, modos de vida, hábitos e costumes das comunidades locais (Gomes *et al.*, 2008).

---

<sup>8</sup> Gonçalo Ribeiro Telles é uma figura notável das questões do ordenamento do território e do uso da terra em Portugal. Licenciou-se em Engenharia Agrónoma e terminou o Curso Livre de Arquitetura Paisagista, no Instituto Superior de Agronomia. Iniciou a sua vida profissional como assistente deste instituto, tornando-se discípulo de Francisco Caldeira Cabral. Mais tarde seria professor catedrático convidado da Universidade de Évora, criando as licenciaturas em Arquitetura Paisagista e em Engenharia Biofísica. Recentemente foi distinguido com o Prémio Sir Geoffrey Jellicoe 2013, uma espécie de “prémio nobel” da arquitetura paisagista.

## Capítulo 3. Intervenções na paisagem do xisto

### Instrumentos legais, políticos e estratégicos da paisagem

A paisagem do xisto em estudo, constitui um importante património ecológico e cultural da região centro e de Portugal. Esta paisagem possui um enorme valor estético e biofísico, e tem sido, no passado mais recente, objeto de diversos instrumentos legais nacionais e internacionais, com vista não só à sua preservação, mas também à sua requalificação. A paisagem converte-se, desta forma, num dos elementos mais importantes da proteção ambiental e objeto de proteção jurídica (Cluny, 2012).

Segundo Cluny (2012), nos últimos 40 anos, em Portugal, a criação e implementação de leis em matéria de ambiente e ordenamento do território foi bastante intensa. No entanto, os textos legais são pouco coerentes e apresentam contradições entre si, nomeadamente concetuais. Verifica-se frequentemente a incoerência e falta de complementaridade dos diversos diplomas legais, o que impede uma visão global do sistema jurídico que deveria refletir o conceito de “paisagem global”.

No que diz respeito à paisagem rural e à paisagem do xisto, também aqui as políticas de paisagem, apesar de conterem nos seus programas, objetivos de desenvolvimento rural e de proteção ambiental, “têm-se revelado desadequadas, contraditórias e distantes das realidades socio-ecológicas do território e da paisagem das zonas rurais” (Saraiva, 2012).

Se por um lado nas últimas décadas se consolidou um quadro legal que visa a proteção da paisagem, com intenções e princípios que contribuíssem para uma política atual e integrada de ordenamento do território e paisagem, certo é que, as políticas ambientais têm sido insuficientemente executadas nesta região e um pouco pelo país inteiro (Cluny, 2012). O que se tem vindo a observar nos últimos anos é preocupante: paisagens desordenadas, degradadas, pobres em biodiversidade, menos úteis e mais suscetíveis a riscos ambientais (D’Abreu, 2012).

Em meados da década de 90, teve início na Europa, uma tendência de desenvolvimento rural sustentável que visava o desenvolvimento dos espaços rurais, através do seu aproveitamento turístico. Esta tendência teve um grande impacto na paisagem em estudo, através dos fundos estruturais de apoio comunitário atribuídos a programas, como por exemplo, o Programa das Aldeias Históricas, desenvolvido no nosso país a partir de 1995. Carvalho (2006) defende que os apoios comunitários, em conjunto com a “territorialização

das políticas públicas, a valorização de recursos patrimoniais e o papel do turismo”, levou a que este modelo do Programa das Aldeias Históricas fosse novamente reproduzido e ensaiado em programas que se seguiram, nomeadamente: o Programa das Aldeias Vinhateiras (Douro), o Programa das Aldeias Ribeirinhas (Alqueva) e o Programa das Aldeias do Xisto (região centro de Portugal). Estes programas e modelos de intervenção viriam a marcar invariavelmente as aldeias do xisto e a paisagem desta região.

## Programa das Aldeias do Xisto

O Programa das Aldeias do Xisto, implementado em 2001 pela Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro (CCDR), surge através de fundos comunitários do Programa Operacional da Região Centro (Medida II.6, componente FEDER).



Fig.16 – Concelhos onde se situam as aldeias do xisto (Fonte: Património Construído e Desenvolvimento em Áreas de Montanha: O Exemplo da serra da Lousã)

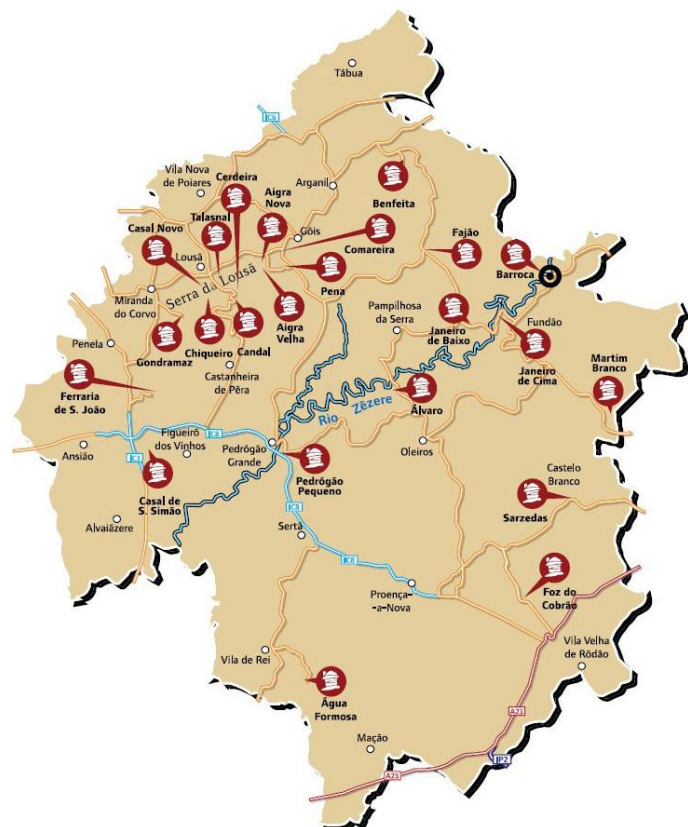


Fig.17 - Localização das aldeias do xisto (Fonte: Rede das Aldeias do Xisto)

Este programa é coordenado pela ADXTUR (Agência para o Desenvolvimento Turístico das Aldeias do Xisto) em parceria com 21 municípios da região centro e com cerca de uma centena de operadores privados que atuam no território. Segundo a ADXTUR, o Programa

das Aldeias do Xisto tem como principal finalidade, a promoção turística desta zona, criando riqueza através da oferta de serviços turísticos em conjugação com a preservação da cultura e paisagens, a dinamização das artes e dos ofícios tradicionais, do património e dos produtos locais característicos das aldeias que integram a Rede das Aldeias do Xisto (RAX).

A implementação do programa foi realizada através de um conjunto de planos de intervenção, elaborados essencialmente por equipas técnicas multidisciplinares. Estes planos constituíam documentos de estudo das aldeias, através dos quais foram definidas diversas ações de intervenção com vista ao desenvolvimento integrado destes locais. Estas ações foram essencialmente realizadas ao nível de infraestruturas básicas, como saneamento, abastecimento de água e eletricidade, requalificação dos imóveis públicos e privados e ainda do espaço público das aldeias.

Apesar das valências positivas e mais valias reconhecidas deste programa, foram surgindo algumas críticas à forma de implementação do mesmo. Aspectos como a preferência por ações infraestruturais em detrimento das ações sociais (mais difíceis de implementar, mas mais capazes de fixarem populações e de sustentarem, a longo prazo, os processos de desenvolvimento rural) são apontados como debilidades do programa. Conceitos como o reforço da participação das populações e agentes locais em todas as fases de implementação do programa, assegurando uma articulação entre as componentes infraestruturais, ecológicas, sociais e económicas ganham uma nova dimensão. Desta forma, poder-se-á evitar a tentação de transformar estas aldeias em “reservas etnográficas” que servem apenas para alimentar um neo-ruralismo de cariz folclórico, incapaz de resolver os principais problemas dos territórios rurais. Outra das fragilidades apontadas ao programa, é a fixação nas atividades turísticas, desprezando a base produtiva agrícola destes aglomerados e conseqüente realidade social. Sem a manutenção destas atividades agrícolas, o sucesso do turismo rural poderá estar inevitavelmente comprometido (Silva, 2009).

As aldeias do xisto, apesar de poderem constituir casos de “fetichização do rural”, estão a exceder as expectativas iniciais pois estabelecem uma marca que teve grande impacto e divulgação, tornando-se na imagem de toda esta região. Deste modo, têm também desencadeado outras intervenções públicas e privadas de carácter estruturante para os locais em questão, tais como: a melhoria das infraestruturas básicas, a requalificação de imóveis e espaço público, a melhoria de acessibilidades, a construção de novos equipamentos, a criação de novas unidades hoteleiras, a implementação de percursos de natureza, a dinamização de atividades de carácter cultural, entre outras.

## Os novos paradigmas rurais

Para melhor entender o conceito de espaço rural será relevante confrontá-lo com o conceito de espaço urbano. Ferrão (2000) define quatro características historicamente distintas do espaço rural em relação ao urbano:

- i) Função principal de produção de alimentos;
- ii) Atividade económica predominantemente agrícola;
- iii) Família camponesa como grupo social de referência;
- iv) Tipo de paisagem que reflete equilíbrio entre os ecossistemas naturais e a atividade humana.

Contudo, nos últimos anos o conceito de espaço rural tem sofrido diversas transformações. Hoje, torna-se evidente a predominância de um rural não agrícola que não encaixa na definição acima descrita. Com os processo de intervenção na paisagem rural que têm vindo a ganhar lugar, o conceito de multifuncionalidade do espaço rural ganha uma nova dimensão, assim como a valorização de novas valências de dois tipos de rural: por um lado as áreas “não urbanizadas” na envolvente das cidades, onde se pode observar uma ocupação nem iminentemente rural, nem urbana; e por outro lado, o rural profundo onde ainda permanecem espaços naturais e genuínos do ponto de vista do carácter rural e cultura dos lugares (Figueiredo, 2001).

Com a evolução do conceito de rural, têm surgido novos paradigmas no que diz respeito ao desenvolvimento local e valorização das áreas rurais. O desenvolvimento rural assente nas componentes ambiente, economia, sociedade e território, constitui atualmente um novo paradigma dos processos de intervenção e transformação da paisagem rural.

Este paradigma assenta numa multiplicidade de fatores, nomeadamente na mobilização integral dos recursos humanos, naturais e institucionais, associada a uma forte mobilização da população, assim como das suas estruturas políticas e sociais organizadas numa base territorial. O rural passa a ser entendido como um recurso de dimensões múltiplas, ao refletir as interdependências entre fatores, numa perspetiva integral dos recursos disponíveis na paisagem. Este paradigma encontra-se bem espelhado no Plano Nacional de Desenvolvimento Rural (PNDR) 2007-2013<sup>9</sup>, onde é referido que o desenvolvimento rural

---

<sup>9</sup> O Plano Nacional de Desenvolvimento Rural (PNDR) 2007-2013 é um plano estratégico nacional e constitui o regulamento relativo ao apoio ao desenvolvimento rural do Fundo Europeu Agrícola de Desenvolvimento Rural (FEADER). Define, ainda, o contexto estratégico da política de desenvolvimento rural, incluindo o método de definição das “orientações estratégicas comunitárias” para a política de desenvolvimento rural. O PNDR é o instrumento de referência para a preparação da programação do FEADER e é executado através de um ou mais Programas de Desenvolvimento Rural (PDR).



deve ser “sustentável e harmonioso, todas as vertentes devem ser consideradas e articuladas: não há desenvolvimento rural sem desenvolvimento económico e social, e não há desenvolvimento rural sem economia empresarial competitiva, atue esta no sector ou fora dele.”

Paralelamente ao desenvolvimento deste novo padrão, também a paisagem rural tem vindo a ser reconhecida pelos seus múltiplos valores, quer pelas entidades responsáveis pelo ordenamento do território, como pela comunidade em geral, nomeadamente pelos urbanos cansados da vida citadina e do “stress” a que estão sujeitos no seu quotidiano. Este fenómeno leva ao surgimento de um novo paradigma rural, associando a procura “entusiasta” ou “fetichizada” do rural, principalmente por parte das pessoas da cidade, com o enaltecimento da natureza como objeto de desejo. A procura da autenticidade e da genuinidade dos locais, são preocupações que valorizam as identidades e memórias genuínas, num mundo cada vez mais globalizado e análogo (Carvalho, 2012).

## Linhas orientadoras de intervenção na paisagem do xisto

A intervenção na paisagem do xisto deverá ter em conta os pilares do desenvolvimento sustentável, nomeadamente aspetos ecológicos, económicos e sociais. A incorporação e interação destas várias dimensões e processos assumem grande importância para a sustentabilidade da paisagem do xisto e viabilidade e sucesso de intervenção e consequente melhoria dos sistemas naturais e humanos. Neste contexto, a contribuição da arquitetura paisagista pode desempenhar um papel de grande relevância, dadas as capacidades para a interpretação, representação, planeamento e desenho da paisagem (Saraiva, 2012).

Analisando e refletindo sobre a paisagem do xisto do passado, do presente e da história nela inscrita, interpretando os padrões, os mosaicos, as mutações, constrangimentos e potencialidades desta paisagem, a arquitetura paisagista poderá efetivamente contribuir para a promoção de uma paisagem do xisto “sustentável”, isto é, viável do ponto de vista ecológico, económico e social. As linhas gerais de conceção de uma proposta de intervenção da paisagem do xisto deverão atender a aspetos relacionados com o enquadramento paisagístico, o equilíbrio estético, o conforto humano, funcionalidade e otimização de áreas para produção, recreio e proteção.

No contexto das intervenções na paisagem do xisto, identificaram-se as seguintes linhas orientadoras gerais de intervenção:

- i) Criação de uma paisagem do xisto sustentável nas vertentes ambiental, económica e social, promovendo e estimulando a gestão sustentável dos recursos e a relação dos elementos construídos com os naturais;
- ii) Entendimento da paisagem do xisto como elemento evolutivo, percebendo a dimensão tempo como agente modelador desta paisagem;
- iii) (Re)qualificação da paisagem do xisto, fomentando o carácter de multifuncionalidade da paisagem e orientando o seu uso para a fruição contemplativa, lúdica ou recreativa dos espaços exteriores;
- iv) Desenvolvimento de atividades culturais, lúdicas, recreativas e desportivas ao ar livre relacionadas com a paisagem do xisto;
- v) Promoção de uma unificação formal e funcional de todo o espaço de intervenção;
- vi) Consolidação e gestão dos sistemas naturais já existentes na paisagem do xisto, por forma a potenciar a biodiversidade dos ecossistemas;
- vii) Identificação, recuperação, preservação e valorização do património natural e cultural das aldeias do xisto e paisagem envolvente, assegurando a memória do passado na estruturação do futuro e criando condições para a promoção e utilização turística;
- viii) Promoção e desenvolvimento da qualidade cultural, ambiental e visual das aldeias do xisto, contribuindo para a valorização da paisagem rural em que se insere e proporcionando a um público diversificado o usufruto de múltiplas valências e atividades de recreio e lazer;
- ix) Criação/reabilitação de equipamentos coletivos e infraestruturas básicas das aldeias;
- x) Recuperação e revitalização dos espaços públicos das aldeias;
- xi) Promoção da mobilidade, acessibilidade e inclusão social;
- xii) Dinamização da estrutura económica e social das aldeias, promovendo a revitalização das atividades tradicionais ligadas ao mundo rural e a diversificação da base produtiva, como a agricultura, gerando investimentos e riqueza;
- xiii) Promoção do envolvimento nos processos de intervenção por parte da população local, principal utilizadora e fruidora da paisagem, através de questionários, entrevistas, ações de divulgação e esclarecimento, desenho participativo, entre outros.

## Técnicas de (re)qualificação das aldeias do xisto e paisagem envolvente

De acordo com o DL 89/90 de 16 de Março entende-se por recuperação paisagística “a revitalização biológica, económica e cénica do espaço afetado, dando-lhe uma nova utilização, com vista ao estabelecimento do equilíbrio do ecossistema ou restituindo-lhe a primitiva aptidão”. Esta recuperação faz-se em locais onde, por causas naturais ou humanas, o equilíbrio da paisagem foi afetado, sendo necessário repor a harmonia paisagística.

Qualquer intervenção na paisagem do xisto com vista à sua (re)qualificação deve, em primeiro lugar, respeitar as características biofísicas (relevo, geologia, clima, solos, flora, fauna, etc.) e antrópicas (uso do solo, rede viária, índices económicos e sociais, etc.) da área a intervir e que estão na base da sua génese. A recuperação da paisagem do xisto consiste na introdução de medidas corretivas, para melhorar aspetos negativos e com a perspetiva de alcançar uma paisagem o mais próxima possível da paisagem equilibrada e sustentável (Noronha, 1998).

Apresenta-se em seguida, um conjunto de técnicas e ações que poderão ser consideradas ao nível da intervenção nas aldeias do xisto e paisagem envolvente:

### **Paisagem do xisto**

#### **i) Erradicação e controlo da flora invasora**

- Um dos principais problemas da paisagem do xisto é a presença e proliferação de espécies vegetais invasoras. Estas espécies trazem graves consequências ao meio ambiente, tais como: competição com as espécies nativas, hibridação, mudanças nas características físicas e químicas do solo xistoso, modificação dos habitats naturais e propagação de pragas e doenças, e ainda elevados custos económicos para as populações locais. Todas as espécies consideradas invasoras ou que estejam em competição com os habitats naturais devem ser eliminadas. Consoante a espécie em questão deverá ser definido o melhor método de combate, que pode ser mecânico, químico ou uma combinação de ambos;
- A monitorização das ações levadas a cabo na erradicação da flora invasora é fundamental para o sucesso da intervenção na paisagem do xisto. A monitorização deverá ser constante durante a recuperação dos habitats naturais e alargado aos anos seguintes.

## **ii) Reconversão florestal**

- Redução progressiva das manchas contínuas de povoamentos puros de espécies florestais de pouco interesse ecológico na paisagem do xisto, como são o caso do eucalipto e do pinheiro bravo. Devem-se substituir progressivamente por matas mistas de espécies nativas. Desta forma, evita-se a degradação do solo e a propagação de incêndios.
- Os eucaliptais e pinhais ardidos ou em corte raso constituem uma oportunidade de reconversão florestal;
- Os povoamentos de eucaliptos e pinheiros, na impossibilidade de substituição, devem ser contidos em pequenas “bolsas”, divididas por aceiros dispostos segundo as curvas de nível e por faixas retardadoras do fogo (espaços abertos ou com espécies mais resistentes ao fogo, como carvalhos e sobreiros).

## **iii) Proteção e promoção da floresta autóctone**

- As manchas de vegetação autóctone da paisagem do xisto, como as florestas de carvalhos e castanheiros, devem ser preservadas e protegidas, com o objetivo de promover a biodiversidade e a perpetuação genética destas espécies. Estas áreas, para além dos produtos diretos que fornecem (madeira de qualidade, caça, cogumelos, etc.) representam uma mais valia paisagística e turística, o que abre possibilidades inesgotáveis para o desenvolvimento da paisagem do xisto, do meio rural e das atividades que nele se desenvolvem, particularmente a agricultura e a silvopastorícia;
- Devem ser fomentadas novas plantações de espécies florestais autóctones. O planeamento do território deve ser feito a médio e longo prazo. Plantar carvalhos e castanheiros nestes territórios pode não ter rendimento a curto prazo, mas valoriza a paisagem e a sua biodiversidade, potenciando usos que os pinhais e eucaliptais não sustentam, como a produção de madeira de qualidade, o ecoturismo e a caça.

## **iv) Recuperação das linhas de água e margens ribeirinhas**

- Recuperação dos sistemas hídricos naturais e zonas húmidas da paisagem do xisto;
- Conservação das margens ribeirinhas, promovendo a instalação ou recuperação das galerias ripícolas;
- Manutenção das margens ribeirinhas livres de edificação e impermeabilização do solo;
- Implementação de matas de espécies ribeirinhas, de prados permanentes, de atividades agrícolas ou mesmo de zonas verdes de recreio para as populações, junto dos cursos de água;

#### **v) Zonas declivosas**

- Na paisagem do xisto, as zonas mais declivosas devem ser ocupadas por floresta e matos com funções de proteção;
- Proteção dos cabeços estreitos da erosão, através da implantação de matas nas transições para a vertente, articuladas com eventuais vias de cumeada;
- Implementação de pastagens nos cabeços largos e vertentes, intercaladas com maciços de árvores, bem como sebes de proteção contra os ventos dominantes e a erosão, promovendo desta forma a multifuncionalidade da paisagem do xisto.

#### **vi) Multifuncionalidade da paisagem do xisto**

- Promoção da multifuncionalidade da paisagem do xisto através da instalação de um mosaico agro-silvo-pastoril que possibilite o uso da paisagem em termos de proteção, produção, conservação e recreio;
- Valorização das funções e valências dos usos florestais e silvopastoris da paisagem do xisto e implementar o uso agrícola nos solos férteis;
- Manutenção e modernização das infraestruturas coletivas da paisagem do xisto: rede viária agrícola e florestal, redes de rega e de drenagem, redes de energia, entre outros (Cabral, 2006);
- Promoção de áreas de recreio na paisagem do xisto. Ocasionalmente poderão ser propostas áreas mais abertas, dedicadas essencialmente ao recreio ativo, revestidas com espécies vegetais de relvado ou prado. A escolha do revestimento vegetal deverá respeitar os objetivos do uso e a capacidade de carga relacionados com a exigência em água e manutenção do espaço. Estas áreas deverão ser delimitadas por maciços arbustivos e arbóreos, seguindo a tipologia “clareira-orla-mata”.
- Aproveitamento da floresta, da agricultura, da pastorícia e do património natural e construído da paisagem do xisto para fins turísticos;

#### **vii) Acessibilidades na paisagem do xisto**

- Implementação de uma rede de percursos eficiente, no que diz respeito à acessibilidade aos diferentes espaços da zona de intervenção. O critério para a escolha dos materiais constituintes dos percursos deverá recair sobre o recurso a materiais locais e o uso de pavimentos permeáveis ou semipermeáveis, pela facilidade de infiltração de água no solo;
- Promoção da mobilidade pedonal através da implementação de percursos pedonais de ligação entre os diversos espaços da paisagem do xisto;

- A acessibilidade a pessoas de mobilidade condicionada deverá ser uma das preocupações da intervenção, pelo que, desta forma, os percursos deverão ter inclinações inferiores aos máximos admitidos na legislação em vigor, e sempre que tal não seja possível, deverão existir percursos alternativos para acesso a pessoas de mobilidade condicionada.

#### **viii) Gestão da paisagem do xisto**

- A gestão da paisagem deve assegurar a manutenção do mosaico agro-silvo-pastoril, a valorização dos sistema de compartimentação e sempre que possível a multifuncionalidade da paisagem do xisto;
- Os efeitos das intervenções na paisagem do xisto devem ser avaliados numa perspetiva de médio/longo prazo que se revela crítica para a gestão de uma paisagem sustentável e orientada para a conservação;
- Implementação de medidas de monotorização, conservação e manutenção das áreas intervencionadas.

#### **Aldeias do xisto**

- Planeamento da intervenção nas aldeias do xisto, adaptando as ações propostas à realidade de cada local. Se necessário, poderá ser criado um plano de aldeia (documento de trabalho produzido por equipa técnica especializada e multidisciplinar que traduz um estudo aprofundado da aldeia, da sua envolvente e população);
- Requalificação dos espaços públicos e promoção dos espaços de convívio, lazer e estadia;
- Promoção da harmonização dos espaços exteriores a intervir, desenvolvendo uma correta integração na paisagem envolvente;
- Fomentação da plantação de árvores, arbustos e revestimentos herbáceos com recurso a espécies autóctones ou bem adaptadas ao clima local;
- Recuperação, preservação e valorização do património natural e cultural existente, nomeadamente edifícios, jardins históricos, e outras estruturas construídas com valor histórico, arqueológico ou etnográfico;
- Criação/melhoramento da rede de acessibilidades (tanto no acesso a aldeia, como no interior da aldeia) e das redes de infraestruturas básicas (saneamento, água, eletricidade) das aldeias do xisto;
- Promoção da mobilidade pedonal em detrimento do automóvel;
- Enterramento das linhas aéreas de telecomunicações e eletricidade, garantindo uma melhor qualidade visual das aldeias do xisto;

- Implementação de percursos temáticos de carácter cultural ou associados à natureza da paisagem envolvente das aldeias do xisto;
- Recuperação dos pavimentos originais dos espaços comuns das aldeias do xisto, nomeadamente a calçada de xisto;
- As áreas pavimentadas devem adequar-se aos fluxos e cargas esperados, cumprindo sempre que possível, entre outros requisitos legais, a lei das acessibilidades;
- Utilização de materiais com impactos reduzidos no meio ambiente. Opção por materiais locais, materiais naturais, materiais certificados, etc.;
- Integração de materiais inertes, mobiliário urbano e equipamentos com poucas necessidades de manutenção e que se enquadrem no carácter de cada aldeia a intervir;
- Implementação de sinalética indicando os espaços e/ou elementos a salientar nas aldeias do xisto;
- As intervenções ao nível do espaço exterior deverão ser acompanhadas de intervenções urbanísticas de reconstrução/(re)qualificação de imóveis com valor arquitetónico, histórico ou cultural para habitação, alojamento, TER, espaços museológicos, restauração e outras estruturas de apoio ao turismo.

É importante referir que o universo de ações e de técnicas de intervenção na paisagem do xisto, passíveis de serem equacionadas, é bastante mais abrangente que as que foram enumeradas. No entanto, no âmbito deste trabalho, optou-se por evidenciar as consideradas de maior importância para a (re)qualificação da paisagem do xisto, em lugar de uma lista exaustiva de ações.

## Exemplos de intervenções em paisagens do xisto

Para melhor compreender as valências, objetivos e resultados das intervenções realizadas na paisagem do xisto apresentam-se em seguida alguns exemplos de intervenções realizadas em aldeias do xisto da serra do Açor e da serra da Lousã.

### **Aldeia do Piódão**

A aldeia do Piódão localiza-se numa encosta da serra do Açor, pertence ao concelho de Arganil, distrito de Coimbra e possui cerca de 178 habitantes (INE 2011). As habitações desta aldeia possuem as tradicionais paredes de xisto, coberturas em placas de ardósia, portas e janelas de madeira pintadas de azul. O Piódão tem a denominação de “aldeia

presépio” devido ao aspeto que a luz artificial lhe confere, no período noturno conjugado com a disposição das casas. Ao longo da encosta, o contraste entre o negro das casas em xisto com o branco da Igreja Matriz, torna-se uma característica marcante do Piódão. As atividades principais dos seus habitantes são: a agricultura (cultura de milho, batata, feijão e vinha), criação de gado (ovelhas e cabras) e apicultura.

A paisagem envolvente da aldeia é dominada pela floresta. A flora principal é essencialmente constituída por pinheiros, castanheiros, urzes e giestas. Junto a aldeia, observa-se a presença de oliveiras, videiras e outras espécies vegetais utilizadas para fins agrícolas.

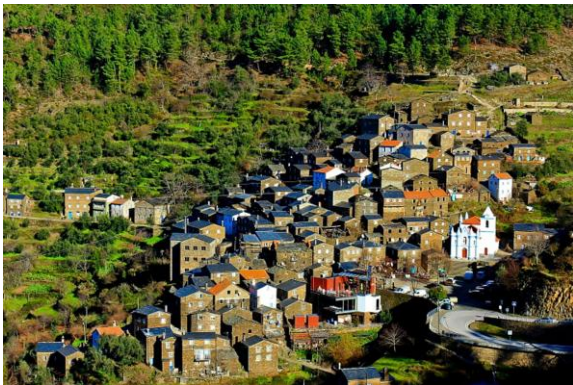


Fig.18 - Vista geral da aldeia do Piódão  
(Fonte: foto de Carlos Duarte)



Fig.19 - Interior da aldeia do Piódão  
(Fonte: foto de Pedro Diniz)

O Piódão é provavelmente a aldeia mais conhecida da paisagem do xisto de Portugal e também a que mais e maiores intervenções tem tido, ao longo dos últimos anos. A requalificação do Piódão tem como eixos incontornáveis a classificação da aldeia como Imóvel de Interesse Público (1978), o Plano de Desenvolvimento e Requalificação da Aldeia (1987), o Programa das Aldeias Históricas de Portugal (1994-1999), as Ações Inovadoras de Dinamização das Aldeias (2000-2006), o Plano de Ação Integrada para a Freguesia do Piódão (2004), entre outras iniciativas (nomeadamente as relacionadas com o desenvolvimento rural).

O primeiro grande acontecimento da história recente do Piódão, na perspetiva da sua requalificação, remonta à década de 70 quando esta aldeia é classificada como Imóvel de Interesse Público. Este momento foi decisivo para o reconhecimento público da dimensão patrimonial da aldeia, em especial a grande unidade formal e volumétrica de todo o conjunto (Anacleto, 1996). No entanto, apesar dos benefícios iniciais decorrentes desse novo estatuto público, em particular, a iluminação do conjunto urbano e o alcatroamento da estrada



principal, o diploma que consagrou este estatuto “proibia novas alterações à unidade arquitetónica e à fisionomia do conjunto urbano” (ACFP, 2004).

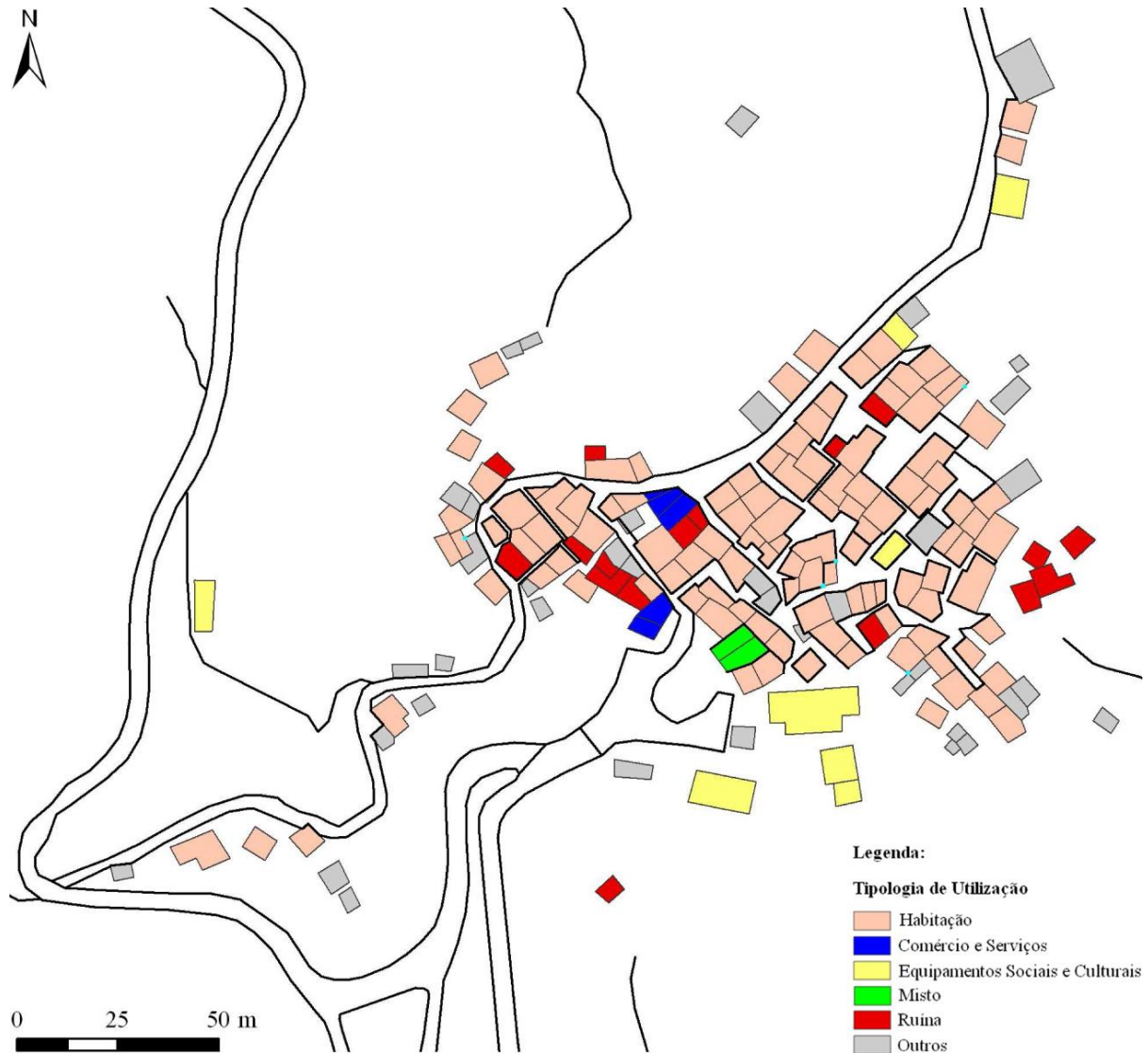


Fig.20 - Tipologia de utilização dos imóveis do Piódão (Fonte: Correia, 2009)

Mais tarde, o Plano de Desenvolvimento e Requalificação da Aldeia do Piódão (1987) previa um conjunto de propostas de intervenção repartidas em dois domínios principais: as intervenções ao nível das estruturas edificadas (imóveis particulares ou propriedades adquiridas pela Câmara Municipal de Arganil), e as intervenções a realizar no espaço público. Todas as intervenções na aldeia tiveram como objetivo central a salvaguarda e a valorização da arquitetura tradicional da aldeia e a sua integração no ambiente natural (Correia, 2009). Este plano, apesar de nunca ter sido implementado por falta de financiamento externo, foi importante na medida em que as linhas orientadoras de

intervenção foram retomadas em meados dos anos 90 com o Programa das Aldeias Históricas de Portugal.

O Programa das Aldeias Históricas (1994-1999) e as Acções Inovadoras de Dinamização das Aldeias (2000-2006) pretenderam integrar objetivos patrimoniais, económicos e sociais numa estratégia de desenvolvimento inovadora para a época. As suas linhas de ação foram direcionadas para as infraestruturas básicas, salvaguarda e valorização do património (através de intervenções ao nível das fachadas e coberturas das estruturas edificadas), promoção e divulgação do território e animação das economias locais (CCDRC). Destacam-se as seguintes intervenções:

- i) Melhoria das redes de esgotos e de abastecimento de água;
- ii) Enterramento das redes de eletricidade e de telecomunicações;
- iii) Construção de três estações de tratamento de águas residuais;
- iv) Melhoramento dos acessos viários;
- v) Implementação de sinalização;
- vi) Aquisição e remodelação de um imóvel destinado a Posto de Turismo;
- vii) Realização de pequenos trabalhos de recuperação e de beneficiação da Igreja Paroquial sob responsabilidade do IPPAR (Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico).

As intervenções no Piódão também se tornaram visíveis ao nível do aparecimento de novas atividades (comércio de artesanato, serviços de cafetaria, restauração e alojamento) e equipamentos (estalagem da INATEL, posto de turismo e museu) que conferiram ao Piódão uma maior capacidade de atração turística (ver figura 21).



**■ PATRIMÓNIO**

- 1 Igreja Matriz
- 2 Fonte dos Algares
- 3 Capela de S. Pedro

**■ INTERVENÇÕES REALIZADAS NO ÂMBITO DO PROGRAMA “ ALDEIAS HISTÓRICAS DE PORTUGAL”**

- 1 Benefeciação da Ligação Piódão - Benfeita/Portelinha
- 2 Benefeciação Ligação Piódão - Agroal/Sobral Gordo
- 3 Recuperação da Aldeia de Piódão - Benefeciação de imóveis - Fases I a IV
- 4 Benefeciação da Igreja Paroquial do Piódão
- 5 Acessos a Piódão - EM 508 e EM 508-1/EN344 e Penedos Altos/Arganil - Esculca
- 6 Infraestruturas: Rede de Esgotos Domésticos e ETAR
- 7 Recuperação Aldeia de Piódão - Construção de imóvel para Porto de Turismo Fases II e III
- 8 Construção da Pousada do Piódão
- 9 Estacionamento e acessos ao Piódão

Fig.21 - Ortofotomapa do Piódão e identificação do Património e intervenções realizadas no âmbito do Programa das Aldeias Históricas (Fonte: Ferreira, 2011)

Em 2004, o Plano de Acção Integrada para a Freguesia do Piódão promoveu intervenções sobretudo ao nível da natureza e ambiente. Destacam-se:

- i) A preservação e valorização dos terrenos baldios e dos seus usos tradicionais;
- ii) A conservação da área baldia afeta à Rede Natura 2000;
- iii) A limpeza e manutenção das linhas de água e dos caminhos agrícolas e florestais;
- iv) A delimitação de uma reserva de caça;
- v) A valorização dos socalcos da região;

- vi) A instalação de parques eólicos;
- vii) A criação de uma equipa de sapadores florestais (Correia, 2009).

Mais recentemente o Piódão foi alvo de beneficiações dos acessos viários, da ampliação da entrada da aldeia através da reorganização do estacionamento e do sentido de trânsito, da recuperação das margens da ribeira e da reconstrução da piscina fluvial do Piódão.

Os programas de ação apresentados, implementados em parceria e enquadrados em estratégias de desenvolvimento de médio e longo prazo contribuíram de alguma forma para o aumento do turismo, para o reforço da base económica e para o acréscimo da atratividade deste local.

Considera-se que as intervenções de requalificação da aldeia e a sua promoção no mercado turístico nacional e internacional, no âmbito dos diversos programas analisados, tiveram efeitos positivos no desenvolvimento do Piódão. Nomeadamente, no desenvolvimento da economia local, no crescimento do turismo, na beneficiação do património edificado e espaço público, na melhoria das infraestruturas da aldeia e na melhoria da qualidade de vida dos seus habitantes. No entanto, as novas valências económicas e turísticas do Piódão, em conjugação com as preocupações atuais de conservação da natureza e com a preservação das tradições e do carácter social coletivo, por vezes entram em conflito com os interesses e as necessidades dos habitantes locais. Com efeito, a crescente procura destes territórios rurais por uma sociedade marcadamente urbana que olha para estes lugares como espaços idílicos e museológicos, de saberes, de tradições e de culturas em risco de desaparecer, nem sempre é fácil de conciliar com a “visão utilitária” dos habitantes locais (Correia, 2009).

A preocupação com a salvaguarda e a valorização deste conjunto (arquitetónico e paisagístico) singular vem reconhecer a importância das políticas de intervenção que combinam esforço e empenho dos poderes autárquicos e da administração central com a participação ativa da população local.

### **Aldeia de Gondramaz**

A aldeia de Gondramaz localiza-se na vertente ocidental da serra da Lousã, entre os 600m e os 650m de altitude, na freguesia de Vila Nova, concelho de Miranda do Corvo, distrito de Coimbra. Esta aldeia estende-se ao longo de uma linha de fecho, ladeada por duas linhas de água bem encaixadas. O edificado desenvolve-se ao longo de uma rua principal de onde saem ruelas estreitas e sinuosas, que formam uma complexa rede de arruamentos. Grande parte da estrutura edificada que constitui a aldeia, tem fins habitacionais. O material de

construção predominante é o xisto e a grande maioria das fachadas não se apresenta rebocada. Presentemente, com poucos residentes fixos, esta aldeia, à semelhança de muitas outras desta região, tem vindo a ser vítima do processo de desertificação.



Fig.22 – Vista geral da aldeia de Gondramaz  
(Fonte: foto de Manuel Campos Coroa)



Fig.23 – Interior da aldeia de Gondramaz  
(Fonte: foto de Paulo Simões)

Uma das principais intervenções realizadas em Gondramaz decorreu no âmbito do Programa das Aldeias do Xisto. Esta intervenção focou-se na recuperação dos edifícios públicos e privados e na promoção das potencialidades do espaço público, transformando-o para que se adequasse ao enquadramento geral da aldeia (Silva, 2009). Teve como principais linhas de ação:

- i) A recuperação e remodelação de fachadas e coberturas dos edifícios privados e dos imóveis públicos;
- ii) O arranjo urbanístico do espaço público e a criação de novos espaços de uso público (parque de merendas, parque infantil, miradouro, parque de estacionamento);
- iii) A instalação de mobiliário urbano;
- iv) A repavimentação dos percursos da aldeia;
- v) A implementação de uma rede de drenagem e tratamento de águas residuais e pluviais;
- vi) A reformulação da rede elétrica e de telecomunicações;
- vii) A requalificação dos percursos pedonais existentes no interior da aldeia e paisagem envolvente que se encontravam em avançado estado de deterioração e até em situação de abandono, mas que possuíam enormes potencialidades, principalmente devido à grande beleza natural encontrada ao longo dos seus trajetos.



Fig.24 - Tipologia de utilização dos imóveis de Gondramaz (Fonte: Silva, 2009)

Depois de requalificada, a aldeia representa, no seu conjunto, um núcleo elucidante da típica casa serrana de xisto. A recuperação dos imóveis e de uma nova rede de espaços públicos, percursos e infraestruturas asseguram uma melhor qualidade de vida. Uma nova rede de água, esgotos e luz vieram assegurar uma melhor qualidade de vida aos habitantes locais. Os locais de lazer (parque de merendas, parque infantil), as estruturas de apoio (salão de baile, bar, instalações sanitárias públicas), os percursos pedonais (à cascata, ao penedo do corvo, à serra), a oferta de desportos radicais (BTT, downhill), os passeios equestres, os passeios de jipe, os passeios de mota e a loja de artesanato vieram contribuir para a divulgação e, principalmente para a afirmação desta aldeia na região centro (Silva, 2009).

Gondramaz também se tem evidenciado em termos de acessibilidades a pessoas portadoras de incapacidade, sendo pioneira no projeto das aldeias acessíveis. Foram utilizadas algumas soluções técnicas ao nível do pavimento, da sinalética e dos equipamentos. Um dos percursos acessíveis possui um pavimento sensorial, possibilitando através da diferença de texturas, orientar as pessoas invisuais, tornando assim possível a sua utilização de uma forma autónoma.

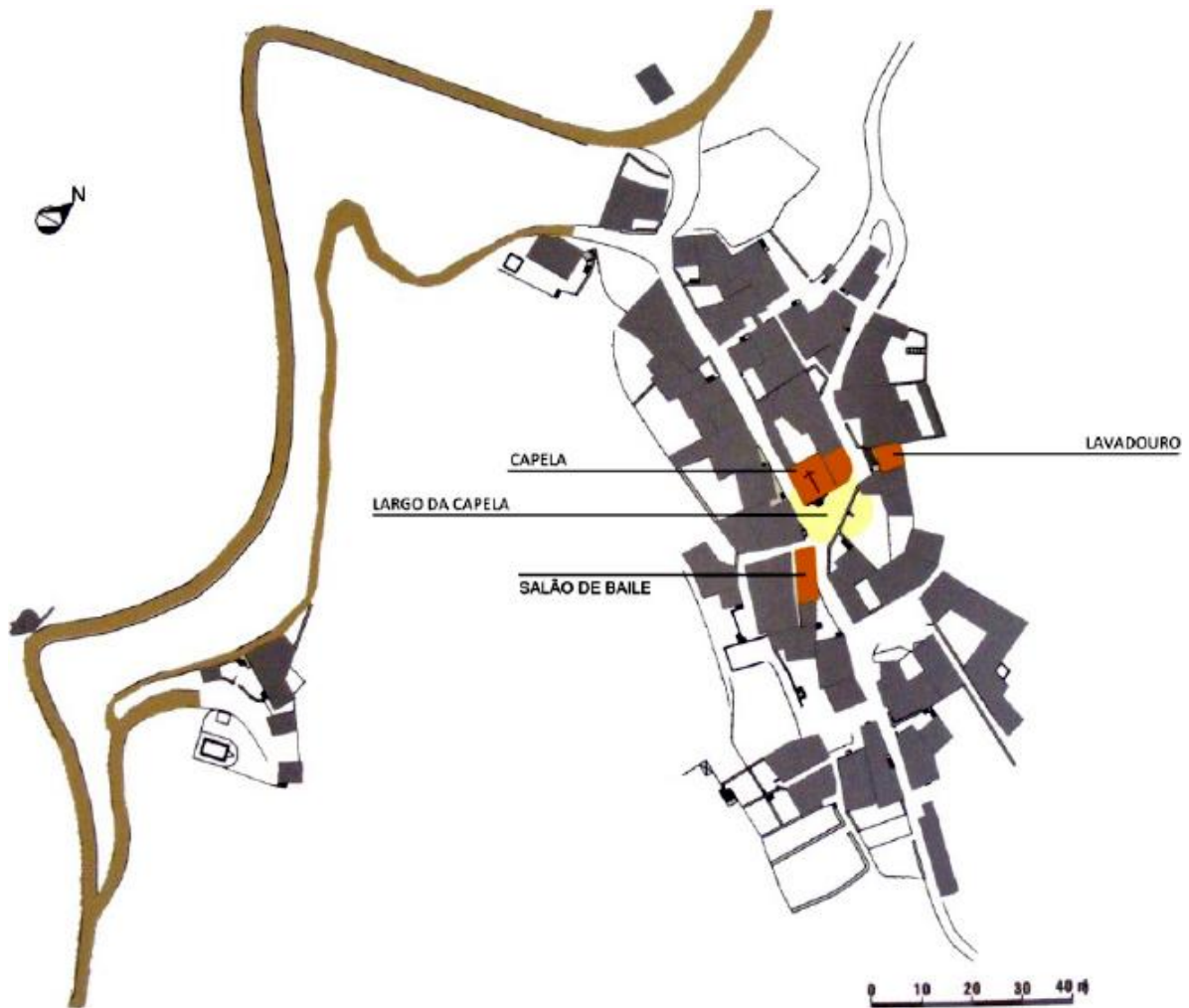


Fig.25 - Imóveis e espaços públicos de Gondramaz (Fonte: Silva, 2009)

O património cultural e a paisagem natural, aliados ao resultado da recuperação das casas e dos espaços públicos e ainda à forte afluência de visitantes nos últimos anos, transformam a aldeia de Gondramaz num caso de sucesso e destaque no âmbito da RAX.

### **Aldeia da Cerdeira**

A aldeia da Cerdeira localiza-se na serra da Lousã, concelho da Lousã, distrito de Coimbra entre os 610m e os 715m de altitude e possui acesso através de uma estrada de montanha com parte do percurso em terra batida e com uma acentuada inclinação. Esta é uma das aldeias da serra da Lousã que apresenta maiores sinais de abandono e isolamento, por ter poucos habitantes residentes e por se situar afastada da rede viária principal. Encontra-se implantada numa pequena crista montanhosa, estando o seu crescimento associado à forma desta crista (Moreira, 2011). Desenvolveu-se em forma de um anfiteatro apoiado nas

encostas voltadas a sul e poente e é atravessada pela ribeira da Cerdeira, ao longo da qual se foram instalando alguns moinhos e sistemas tradicionais de rega. Aqui, existe um entendimento perfeito entre os edifícios construídos e o meio ambiente, numa simbiose emoldurada pelos valores paisagísticos vizinhos.

A Cerdeira é uma das aldeias da RAX onde mais se sente o contacto com a natureza. Da parte superior da aldeia têm-se uma excelente panorâmica da serra, o que juntamente com o isolamento e o carácter intacto do local permitem excelentes momentos de contemplação e lazer.



Fig.26 – Vista geral da aldeia da Cerdeira  
(Fonte: foto de Maria Madeira)



Fig.27 – Interior da aldeia da Cerdeira  
(Fonte: foto de Maria Madeira)

O afloramento rochoso no qual se encontra assente a aldeia, bastante comprido e estreito, ajudou a definir não só a rua principal, como todas as restantes. A aldeia desenvolve-se ao longo desta rua principal, sendo o casario em xisto que define todas as ruas e restantes espaços. Numa organização como esta, os espaços públicos e privados vão surgindo e articulam-se consoante a topografia e a configuração dos afloramentos rochosos. Ao contrário do que acontece noutras aldeias, os espaços públicos aqui, não são adjacentes às vias de circulação e também não se relacionam propriamente com as mesmas. São antes, os espaços sobrantes, normalmente constituídos por afloramentos rochosos, onde não foi possível construir edificações. Naquele terreno tão íngreme e agreste, todo o espaço livre onde fosse possível erguer construção, era imediatamente utilizado, fosse por habitações, armazéns, currais, ou então espaços públicos funcionais, de uso coletivo, como por exemplo, eiras e fontes (Moreira, 2011).



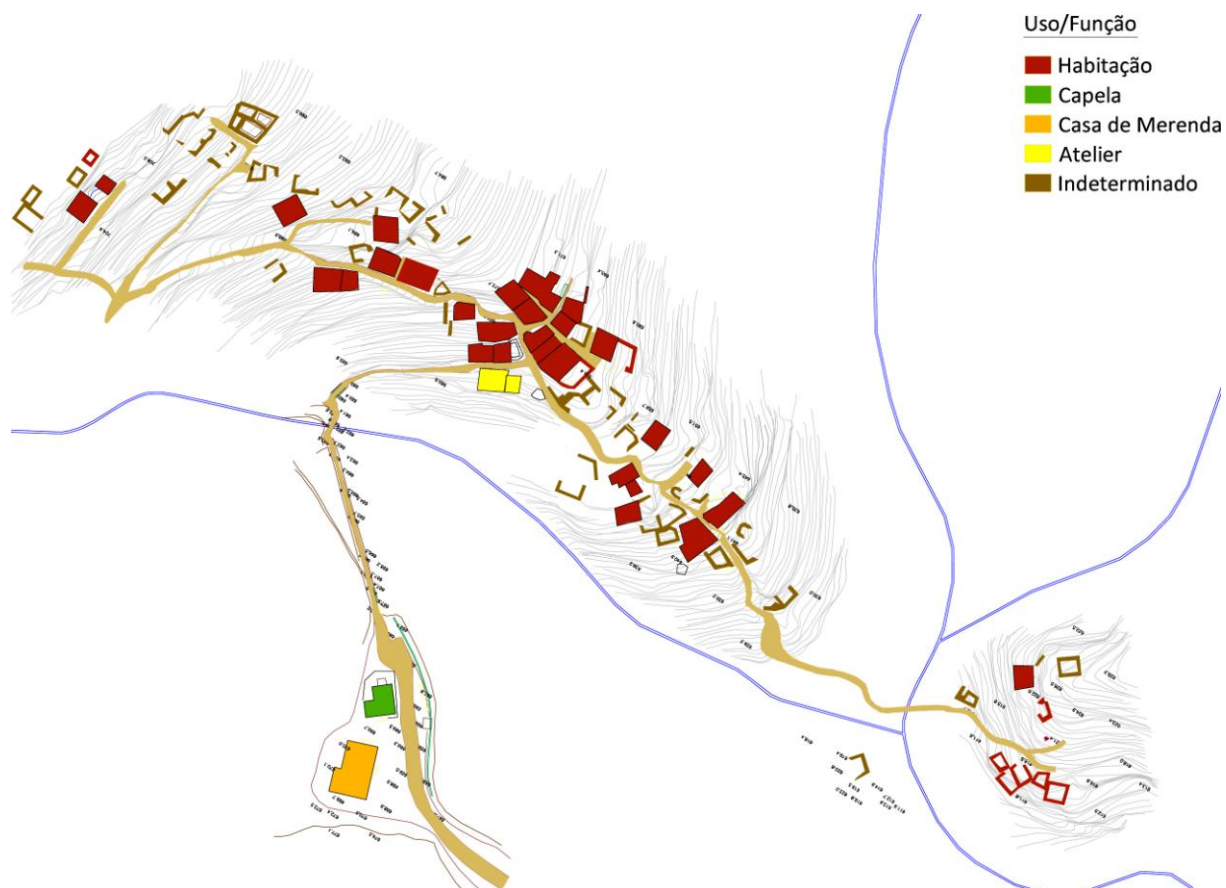


Fig.28 - Tipologia de utilização dos imóveis da Cerdeira (Fonte: Moreira, 2011)

Esta aldeia foi alvo de um plano de intervenção, no âmbito da RAX, cujo objetivo principal consistiu na reabilitação da aldeia, conjugando a vertente turística à vertente ecológica e à vertente cultural e artística. O plano traçado visou a recuperação de alguns edifícios e espaços públicos na aldeia, adaptando-os a um tipo de função específica para fins turísticos. As ações principais previstas no plano foram as seguintes:

- i) Criação da rede de infraestruturas básicas (água, luz e esgotos);
- ii) Implementação da rede de telecomunicações;
- iii) Recuperação dos pavimentos da aldeia;
- iv) Repavimentação com calçada de xisto de alguns percursos da aldeia;
- v) Instalação de iluminação pública;
- vi) Recuperação de algumas casas para fins turísticos;
- vii) Criação de lojas com o fim de abastecimento de bens essenciais à aldeia;
- viii) Criação de albergue para turistas;
- ix) Incentivo à implementação de novas atividades de carácter privado, como por exemplo a plantação de ervas aromáticas e medicinais nos socalcos adjacentes à aldeia.

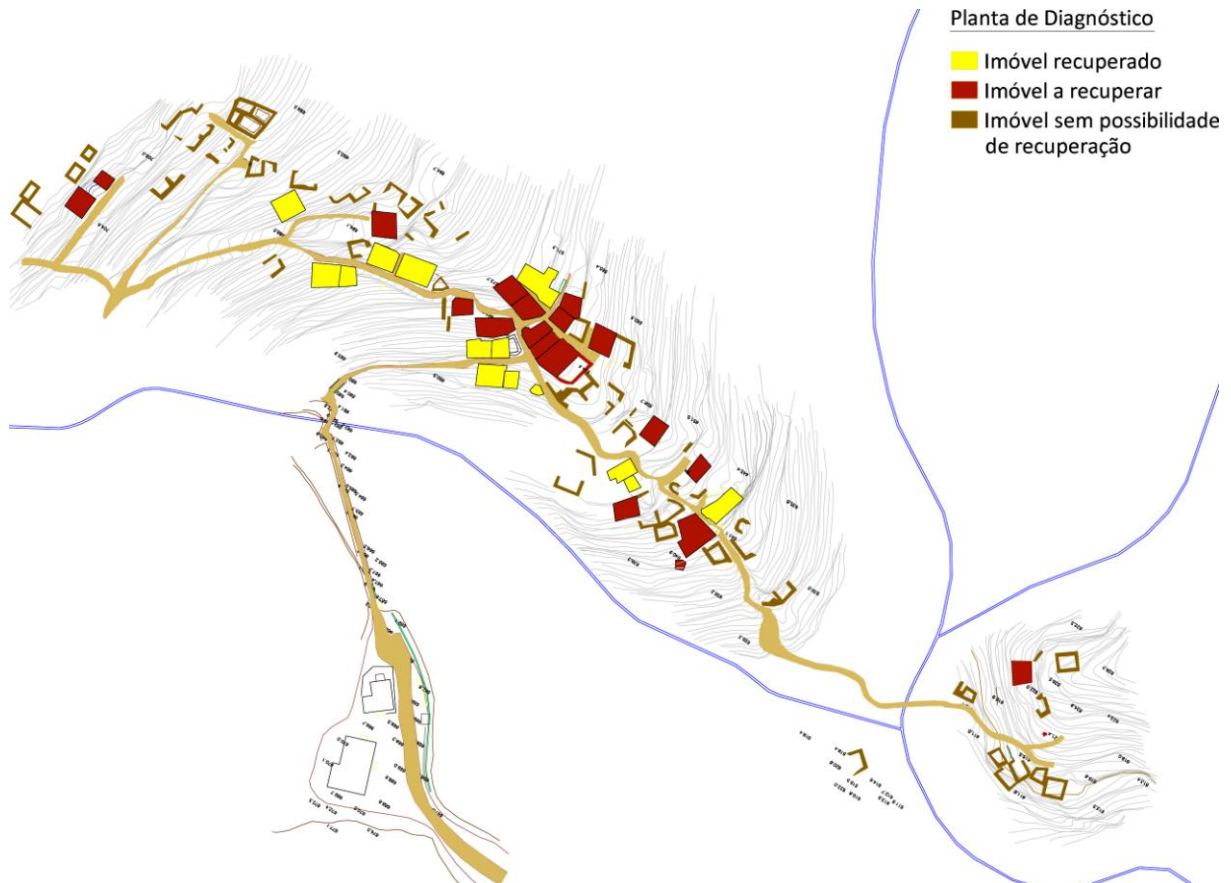


Fig.29 - Planta de diagnóstico dos imóveis existentes da aldeia (Fonte: Moreira, 2011)

A intervenção preconiza na aldeia da Cerdeira veio salvar a aldeia do abandono em que se encontrava sem, no entanto, a urbanizar excessivamente, a ponto de perder a sua identidade. A aldeia da Cerdeira demonstra que as aldeias se podem refundar, quase que sobre as próprias ruínas. Os passos para essa refundação, mais do que físicos, necessitam de ser estéticos e proporcionar novos usos e funções ao património natural e construído.

Esta intervenção veio contribuir para o seu desenvolvimento e acima de tudo, para que este local se tornasse conhecido na região. No entanto, ainda existe muito para fazer na aldeia e paisagem envolvente. Ainda persistem muitos edifícios abandonados, em degradação ou mesmo em ruína. Julga-se que a requalificação levada a cabo no âmbito das RAX foi apenas o ponto de partida para a recuperação total desta aldeia, e que tal possa vir a acontecer a médio/longo prazo.

Apesar das grandes dificuldades estruturais e funcionais que caracterizam aldeias como esta, nos últimos anos as entidades políticas e os meios intelectuais começam a olhar para estes territórios como um conjunto de potencialidades (novos recursos) que, ao mesmo tempo, são cada vez mais valorizadas pela atividade turística emergente (Carvalho, 2013).

## Capítulo 4. Caso de estudo: (re)qualificação da Aldeia do Loural

### Caracterização da aldeia do Loural e paisagem envolvente

#### Enquadramento geográfico

A aldeia do Loural insere-se na Cordilheira Central, vertente nascente de uma acentuada encosta da serra do Açor, entre o maciço mais alto de Portugal, a serra da Estrela, e a serra da Lousã. Pertence à união das freguesias do Cadafaz e Colmeal, concelho de Góis, e situa-se a cerca de 24km da sede do município (ver figura 31).



Fig.30 - Enquadramento geográfico da aldeia do Loural em Portugal Continental  
(Fonte: Autor)

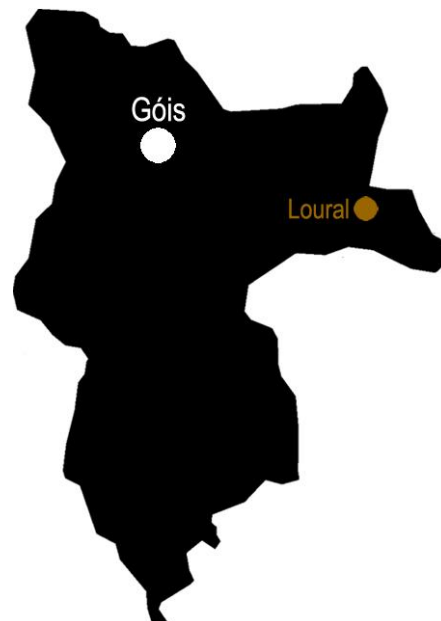


Fig.31 - Enquadramento geográfico da aldeia do Loural no concelho de Góis  
(Fonte: Autor)

O concelho de Góis pertence ao distrito de Coimbra, região centro, sub-região Pinhal Interior Norte, tem uma área de 263,3 Km<sup>2</sup> e possui cerca de 4260 habitantes (INE 2011). Confronta a norte com os concelhos de Arganil e de Vila Nova de Poiares, a nascente com Pampilhosa da Serra, a sul com Castanheira de Pera e Pedrógão Grande e a poente com Lousã. Está dividido em quatro freguesias (2013) - Alvares, união das freguesias do Cadafaz e Colmeal, Góis e Vila Nova do Ceira - sendo a vila de Góis a sede do município e o principal núcleo urbano e as outras sedes de freguesias, os aglomerados mais significativos.

Os valores naturais e paisagísticos presentes em Góis são diversos, devido fundamentalmente à presença do rio Ceira, da serra do Açor e da serra da Lousã que atravessam este concelho e se constituem como elementos estruturantes da paisagem. Em termos de riqueza biológica, estas duas serras destacam-se pela presença de habitats, fauna e flora de interesse nacional e internacional para a conservação da natureza.

### **Enquadramento histórico**

Segundo entrevistas e conversas informais com os descendentes dos habitantes desta aldeia e habitantes de povoações vizinhas, a aldeia do Loural parece ser de origem relativamente recente (sensivelmente com poucas centenas de anos). O aparecimento deste local está possivelmente relacionado com a migração de pequenos agricultores e/ou pastores para este local, em busca de novos recursos que possibilitassem a prática das suas atividades. Com o passar do tempo, estas pequenas comunidade ancestrais foram fixando-se e dando origem à consolidação da aldeia.

Na segunda metade do séc. XX este local foi vítima do processo de desertificação e perda demográfica, devido aos movimentos migratórios da pouca população residente em direção às áreas mais industrializadas de Portugal ou ao estrangeiro. Nos finais do séc. XX residia na aldeia apenas uma única família, reduzida a um casal até ao virar do século. No ano 2000 estes dois últimos habitantes deixam a aldeia, ficando esta abandonada até ao presente.

Em 2010 a totalidade da aldeia e terrenos circundantes são adquiridos por dois promotores - um homem de nacionalidade portuguesa a residir na Holanda e uma mulher de nacionalidade holandesa - com o objetivo da recuperação e adaptação deste local para fins turísticos.

### **Acessibilidades**

O acesso à aldeia do Loural é feito através de um pequeno troço de estrada em terra batida que sai da EM 543-2 que por sua vez liga a poente, à EM 543 e à vila de Góis; a norte à EM 544 e à vila de Arganil; e nascente à EN 112 e à vila da Pampilhosa da Serra (ver figura 32).

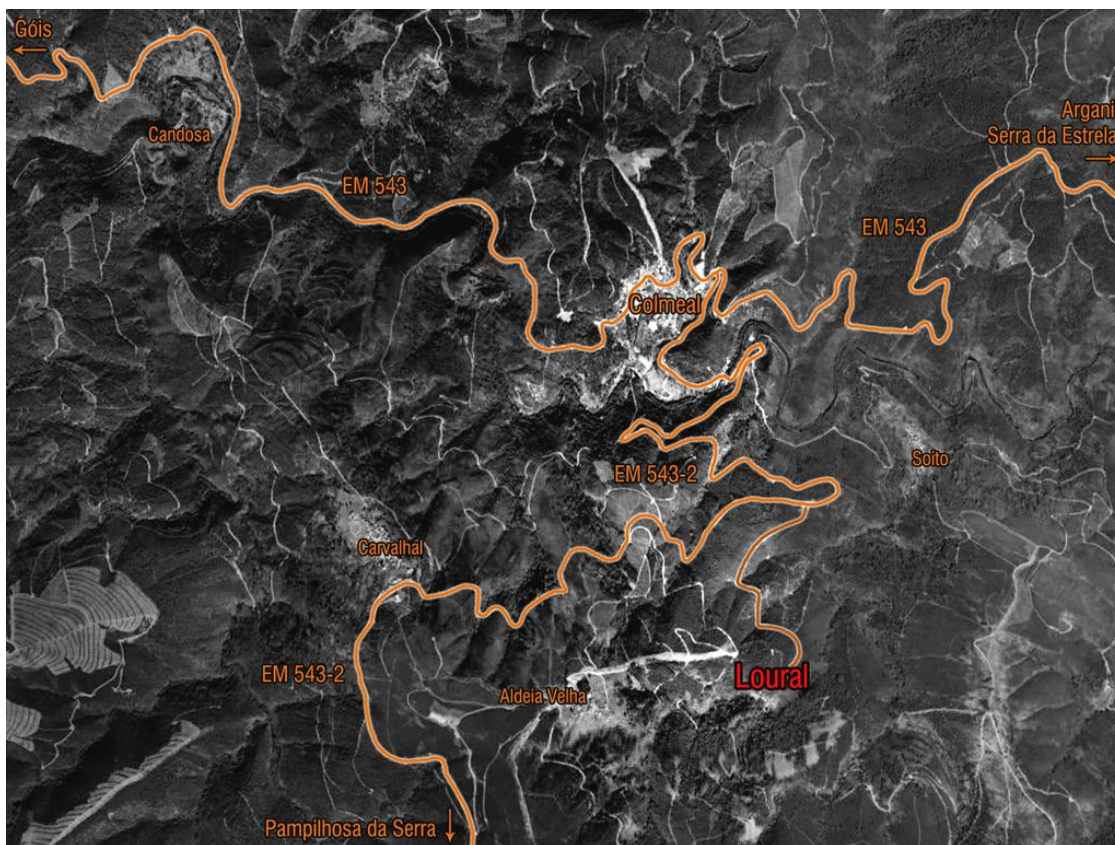


Fig.32 - Rede de acessibilidades à aldeia do Loural (Fonte: Autor)

### Hipsometria, declives e exposição Solar

O relevo da área correspondente à aldeia do Loural e paisagem envolvente é bastante acidentado, apresenta uma variação de cotas de cerca de 80m - O ponto mais alto situa-se a cerca de 625m e o ponto mais baixo a 545m (ver figura 33).

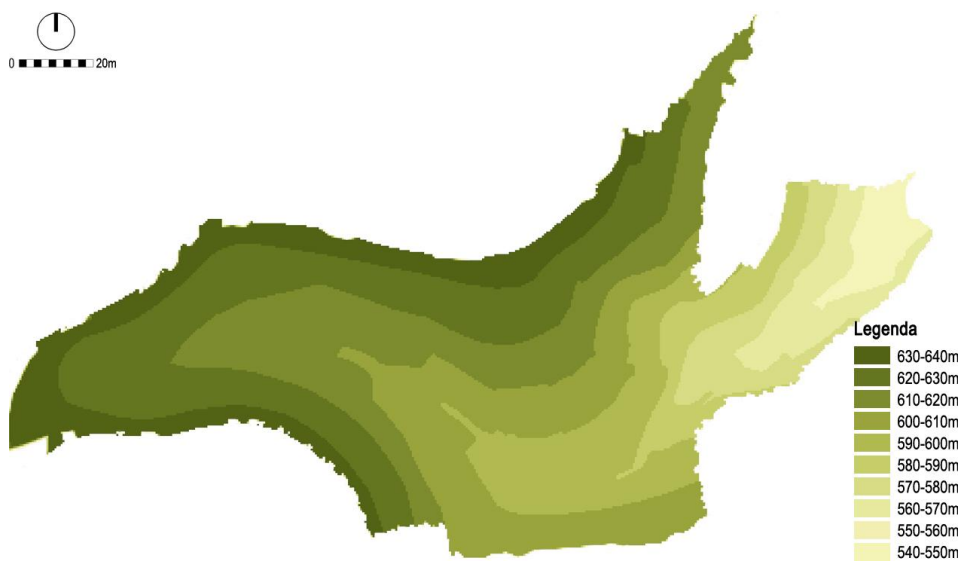


Fig.33 - Hipsometria do Loural (Fonte: Autor)

Relativamente aos declives, observa-se que grande parte da área em estudo apresenta declives com mais de 25% de inclinação (ver figura 34).

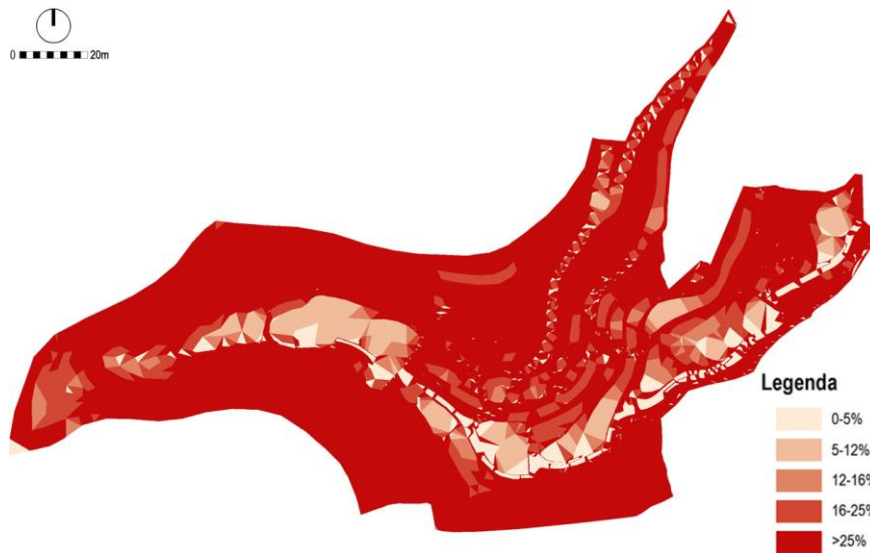


Fig.34 - Declives do Loural (Fonte: Autor)

Quanto à exposição solar, predominam as áreas expostas a norte. As áreas expostas a poente também apresentam alguma relevância, e com menor expressão, surgem as áreas expostas a nascente e a sul (ver figura figura 35).

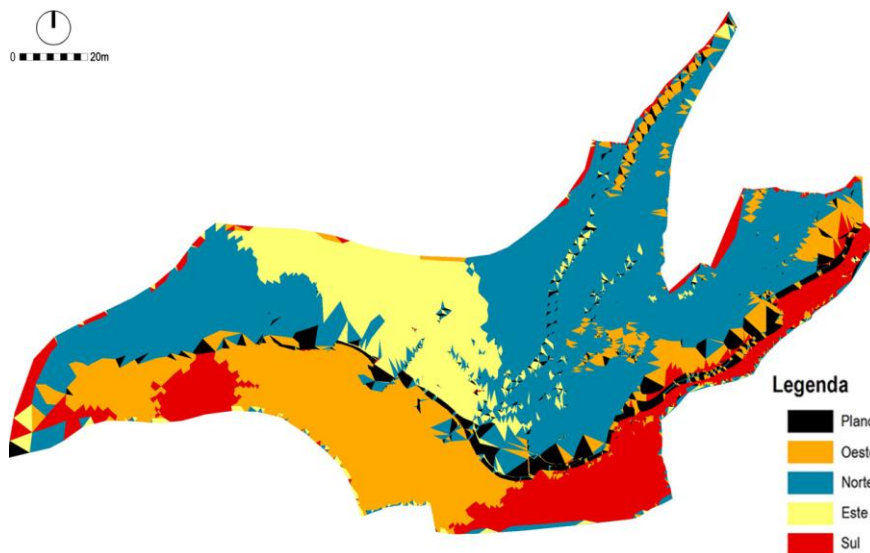


Fig.35 - Exposição solar do Loural (Fonte: Autor)

## Hidrografia

Abraçando a aldeia à cota mais baixa passa uma ribeira da bacia hidrográfica do rio Ceira, a ribeira do Loural (ver figura 36). Ao longo dela, para além de magníficos pontos de vista, encontramos diversas cascatas, pequenos charcos e um moinho de rodízio, utilizado na moagem de cereais.

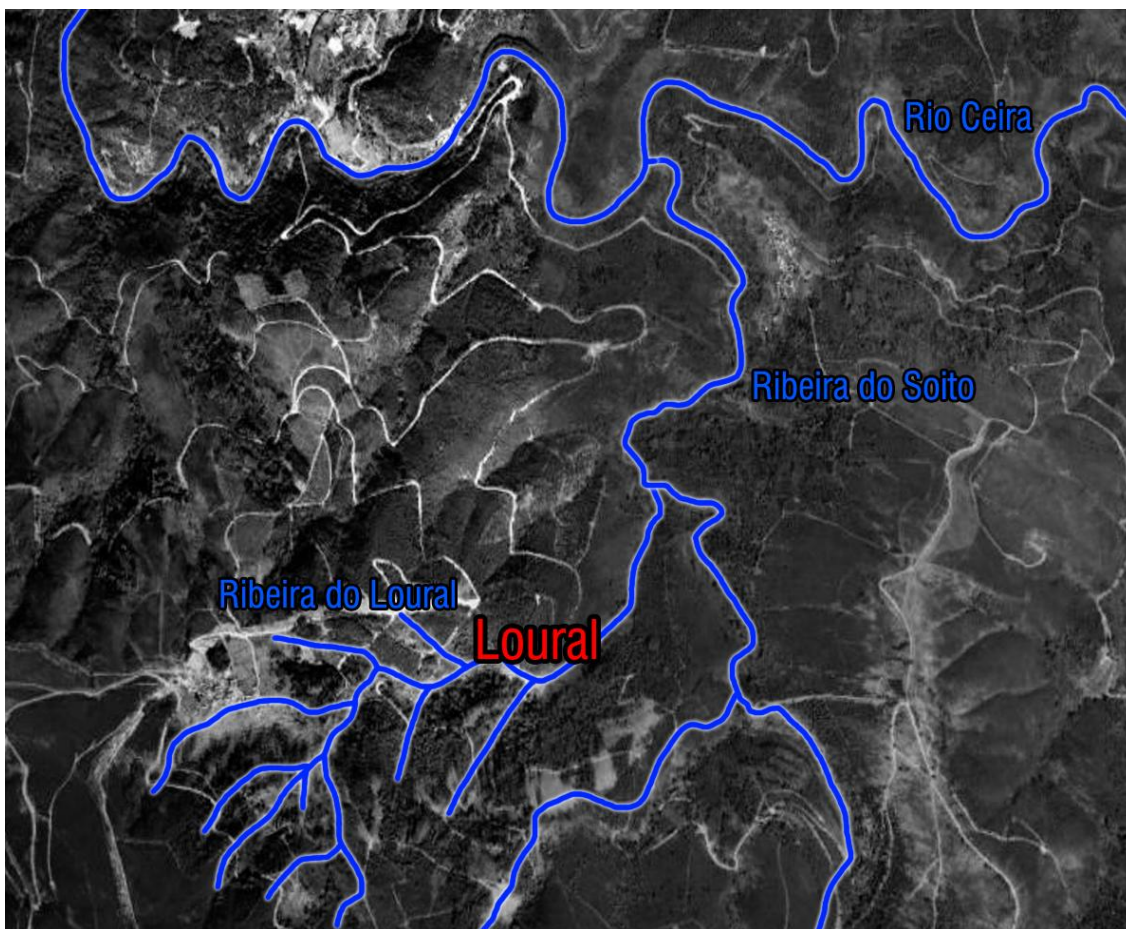


Fig.36 - Hidrografia da aldeia do Loural (Fonte: Autor)

## Inserção e organização interna

Todas as habitações da aldeia do Loural possuem paredes em xisto, existindo apenas uma habitação com as paredes rebocadas no exterior (ver figura 37 e 38). Em termos altimétricos, o conjunto edificado da aldeia desenvolve-se desde o ponto mais alto com 613m até à cota mais baixa com 586m. A aldeia está implantada em socalcos, com o casario a desenvolver-se em forma de arco acompanhando as curvas de nível.



Fig.37 - Vista da entrada da aldeia (Fonte: foto do autor)



Fig.38 – Vista geral da aldeia (Fonte: foto do autor)

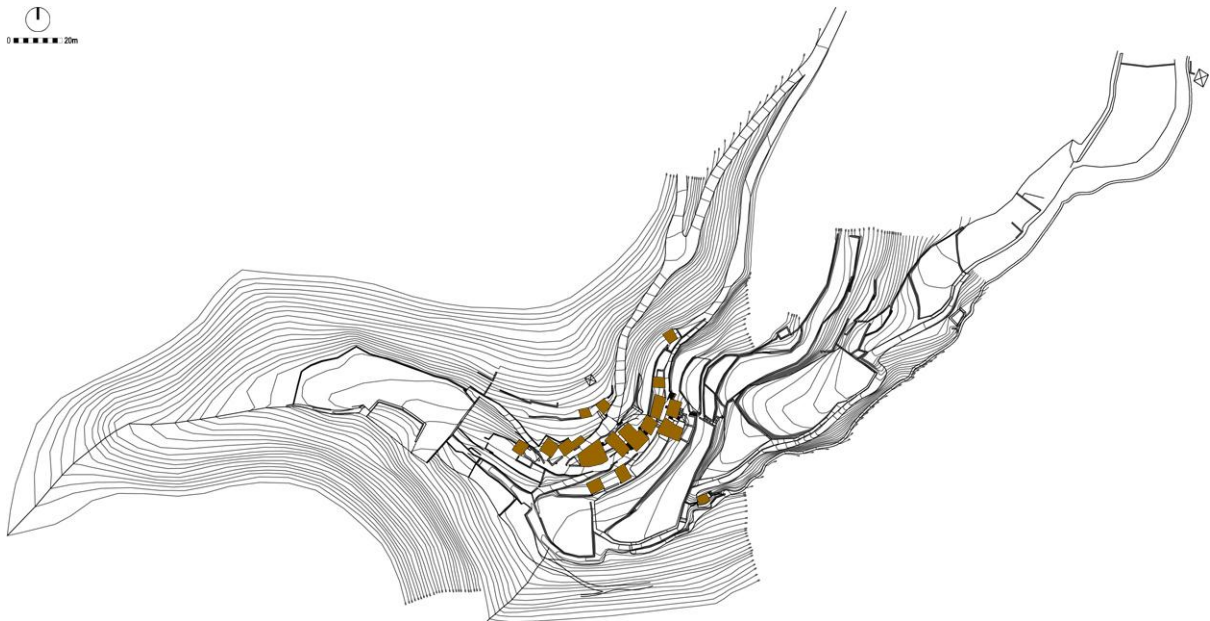


Fig.39 - Levantamento topográfico da aldeia e localização do conjunto edificado (Fonte: PuraPoesia . arquitectura, planeamento & design)

## Estruturas construídas

Relativamente às construções edificadas, a aldeia apresenta, genericamente, 4 tipologias funcionais distintas:

- i) 4 Habitações unifamiliares com curral e com palheiro;
- ii) 6 Palheiros com curral;
- iii) 3 Currais;
- iv) 1 Casa do forno a lenha.

Os três currais e a casa do forno apresentam apenas um piso. As construções com palheiro e curral desenvolvem-se em dois pisos e as restantes habitações possuem entre 2 e 4 pisos.





Fig.40 – Vista de um conjunto habitacional da aldeia  
(Fonte: foto de Carlos Manuel dos Santos)



Fig.41 – Vista de uma das habitações da aldeia  
(Fonte: foto do autor)

A armação do terreno é uma das características mais marcantes deste local. Os socalcos suportados por muros de pedra e escadas também em pedra marcam profundamente esta paisagem.

Salienta-se ainda a presença de uma estrutura edificada junto à ribeira do Loural que alberga no seu interior um moinho de rodízio, ainda intacto (ver figura 45).

## Vegetação

A flora dominante nesta paisagem, à semelhança do que acontece na região, é constituída por pinheiros, eucaliptos e acácias, espécies invasoras ou com pouco interesse ecológico. Contudo, na envolvente mais próxima da aldeia, encontra-se um soberbo conjunto de castanheiros e carvalhos de grande interesse ecológico e paisagístico (ver figura 43). Nos socalcos mais próximos do casario e em alguns logradouros e pátios, encontramos diversas oliveiras, marmeleiros, macieiras, figueiras e videiras.



Fig.42 – Vista geral da paisagem envolvente da aldeia  
(Fonte: foto do autor)



Fig.43 - Alguns carvalhos da paisagem envolvente da aldeia  
(Fonte: foto do autor)

## Carácter do lugar

A aldeia do Lournal apresenta uma identidade e carácter únicos, que assentam principalmente na harmonia e esplendor do seu património natural e construído. A morfologia acentuada do terreno (em forma de vale), a armação do terreno em socalcos, os terraços, as habitações e currais em xisto, os moinhos, os muros em xisto, a calçada em xisto, as escadas em pedra, a vegetação presente na paisagem (com destaque para os carvalhos e castanheiros centenários), a exposição solar, a vocação do solo tipicamente de origem xistosa e a ribeira do Lournal, conferem a este local um ambiente mágico, nostálgico e sonhador.

Embora atualmente abandonada da presença humana, este lugar ainda mantém intactos os valores simbólicos, históricos e paisagísticos de outrora. A forma encontrada pelos antepassados de viver, habitar e trabalhar esta paisagem e a maneira utilizada para a “construir” e adaptá-la às suas necessidades deixaram marcas que persistem ao longo dos tempos. Estas marcas que o homem deixou na paisagem, em harmonia com a natureza circundante, conferem a este lugar uma forte singularidade. Como afirma Orlando Ribeiro, a paisagem de hoje, corresponde a um produto do passado, constitui um registo da memória coletiva (Ribeiro, 1986).



Fig.44 - Vista geral da aldeia  
(Fonte: foto do autor)



Fig.45 – Um dos cenários existentes na aldeia  
(Fonte: foto do autor)

O carácter da aldeia do Lournal constitui uma mais-valia para o lugar e deverão ser mantidos e reforçados na proposta de intervenção.

A preservação do carácter da aldeia do Lournal deve ser considerada elemento fundamental quando se pensa na aplicação de estratégias de intervenção relacionadas com a fomentação do recreio e turismo. Estas estratégias devem ter em conta todas as características analisadas e os impactos na paisagem provenientes de uma intervenção,

devem ser muito bem avaliados, de forma a não porem em causa o respetivo carácter, idealmente de maneira a que não impliquem riscos para a paisagem. A manutenção das características que tornam esta paisagem um lugar único, torna-se fundamental e ponto de partida para todo um programa de intervenção proposto.

Cabe ao arquiteto paisagista, enquanto “fazedor de lugares” introduzir ou recuperar elementos na paisagem que contribuam para a valorização do carácter dessa paisagem.

## Análise SWOT

Após a caracterização e análise da aldeia do Loural e do carácter do lugar, importa agora proceder, através de uma análise SWOT, à identificação e definição dos pontos fortes e pontos fracos, das ameaças e potencialidades deste local.

<p><b>Pontos Fortes</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>+ Elevado nível de qualidade ambiental e paisagística;</li> <li>+ Património natural, diversidade de fauna e flora;</li> <li>+ Diversidade de recursos naturais;</li> <li>+ Presença da ribeira do Loural;</li> <li>+ Arquitetura do xisto de grande qualidade;</li> <li>+ Vasto património cultural;</li> <li>+ Possibilidade de realizar múltiplas atividades ao ar livre, tanto de verão como de inverno;</li> <li>+ Distanciamento dos grandes centros urbanos;</li> <li>+ Localização privilegiada entre 3 pólos turísticos da região centro, para os quais este destino pode constituir uma oferta complementar: Coimbra – turismo cultural; Figueira da Foz – turismo de sol e mar; serra da Estrela – turismo de neve.</li> </ul>	<p><b>Pontos Fracos</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Isolamento geográfico;</li> <li>- Situação de abandono da aldeia;</li> <li>- Inexistência de habitantes;</li> <li>- Degradação dos edifícios e elementos construídos;</li> <li>- Estado de ruína de algumas casas;</li> <li>- Suscetibilidade a riscos naturais (incêndios florestais);</li> <li>- Presença de espécies vegetais invasoras;</li> <li>- Proliferação de monoculturas, como o pinheiro e eucalipto, com pouco interesse ecológico;</li> <li>- Desconhecimento generalizado deste local e da região por parte do público em geral;</li> <li>- Débeis acessibilidades, tanto no acesso à aldeia, como no seu interior;</li> <li>- Deficiências ao nível da rede de transportes e telecomunicações da região.</li> </ul>
<p><b>Oportunidades</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>+ Potencialidades para o turismo;</li> <li>+ Existência de diversos programas de financiamento comunitários e nacionais para a requalificação das aldeias do xisto e paisagem envolvente;</li> <li>+ Empenho da Administração Central, CCDRC,</li> </ul>	<p><b>Ameaças</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Tendência para o despovoamento nos espaços rurais da região;</li> <li>- Estrutura etária envelhecida da região;</li> <li>- Debilidade dos setores económicos tradicionais;</li> <li>- Posição periférica relativamente aos grandes eixos</li> </ul>

<p>entidades gestoras de fundos comunitários, câmaras municipais e outras entidades locais no desenvolvimento dos espaços rurais;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>+ Aposta nacional no setor do turismo;</li> <li>+ Procura crescente pelo turismo rural, turismo cultural, turismo de natureza, turismo de aldeia;</li> <li>+ Cativação dos mercados estrangeiros (principalmente nórdico) com maior poder económico;</li> <li>+ Procura crescente de estilos de vida saudáveis e atividades ao ar livre;</li> <li>+ Crescente procura urbana pelas zonas rurais enquanto espaço de descanso e lazer;</li> <li>+ Valorização da tradição e genuinidade associada aos produtos rurais;</li> <li>+ Desenvolvimento de novas formas de divulgação e marketing turístico, decorrentes das novas tecnologias de informação e comunicação, que facilitam e agilizam o processo de venda e promoção de novos destinos turísticos;</li> </ul>	<p>estruturantes (estradas principais e caminhos de ferro) do território nacional;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Falta de manutenção nas áreas envolventes da aldeia;</li> <li>- Crise económica que obriga à procura de ofertas turísticas a custos reduzidos;</li> <li>- Alterações climáticas e degradação das paisagens naturais;</li> <li>- Existência de destinos mais próximos do litoral e dos grandes centros urbanos;</li> <li>- Investimento elevado das obras de requalificação;</li> <li>- Persistência de obstáculos da natureza jurídica, formal e burocrática na aprovação e licenciamento de projetos de investimento turístico;</li> <li>- Dificuldades na obtenção de financiamento;</li> <li>- Sazonalidade na procura turística;</li> <li>- Falta de uma estratégia global de turismo para a região.</li> </ul>
---	---

Quadro 02 - Quadro resumo da análise SWOT

## Enquadramento da proposta de intervenção para a aldeia do Loural e paisagem envolvente

### Contextualização da proposta

Os objetivos primários, definidos pelos promotores do projeto, foram a (re)qualificação e adaptação da aldeia do Loural a Turismo no Espaço Rural (TER), na modalidade de Turismo de aldeia; a (re)qualificação das habitações e espaços exteriores; e a transformação deste local num pólo de meditação com relevância a nível do panorama nacional e internacional.

Na realização desta proposta de (re)qualificação para o Loural, no âmbito da arquitetura paisagista, procurou-se seguir um plano e metodologia de intervenção, assentes numa conceção que visa a valorização ambiental, económica e social.

A análise do local, a identificação de constrangimentos e potencialidades, o carácter do lugar e os objetivos definidos, conduziram ao enunciado de princípios conceptuais fundamentais para a proposta de intervenção:

- Preservar as características singulares da aldeia, quer em termos de espaços construídos, espaços exteriores dentro da aldeia, como a sua relação com a paisagem envolvente;
- Recuperar e valorizar as pré-existências de valor concretizadas nos edifícios existentes, ruínas, material vegetal, estruturas vernáculas e armação do terreno;
- Criar uma paisagem com elevada qualidade ambiental e visual que proporcione a um público diversificado, o usufruto de múltiplas valências e atividades de lazer e recreio;
- Transformar os espaços exteriores da aldeia em espaços de qualidade, seguros, funcionais e harmoniosos entre si;
- Valorizar os recursos naturais, tais como a presença da ribeira do Loural e da paisagem envolvente da aldeia, para fins turísticos, através de percursos de natureza;
- Estabelecer uma unificação formal e funcional de todo o espaço de intervenção.

### **Plano, metodologia e estratégia de intervenção**

A proposta de intervenção aqui apresentada vem formalizar os objetivos, princípios e linhas orientadoras definidos nas fases anteriores. Procurou-se respeitar uma série de condicionantes e variáveis subjacentes ao local de intervenção, tais como fatores históricos e sociais, questões económicas e ambientais e princípios de sustentabilidade.

Quando se intervém na paisagem do xisto, não se deve ignorar a história dessa paisagem. Uma correta intervenção na paisagem deve permitir que o antigo se adapte aos tempos modernos. Como afirma Le Corbusier: “o passado foi o meu grande mestre, e continua a ser o meu permanente conselheiro”.

A estratégia definida na proposta visa apropriar-se das características intrínsecas da área sujeita a intervenção, recorrendo ao zonamento das ações e iniciando a sua configuração em torno de um programa com valências diferentes que se devem articular entre si. Os espaços fundamentais da proposta são os seguintes:

- Área comum da aldeia propriamente dita (espaço confinante com os edifícios);
- Terraços e terrenos próximos da aldeia;
- Paisagem envolvente da aldeia (constituída essencialmente por floresta).

## Descrição da proposta de intervenção

A proposta de intervenção para o Loural, aldeia e paisagem envolvente (ver figuras 46 e 47), manteve a morfologia da aldeia, tanto no que respeita às construções, como aos espaços exteriores. As pré-existências construídas e naturais de interesse foram recuperadas ou mantidas nesta proposta.

A contemporaneidade é trazida para a aldeia, pelo surgimento de novos equipamentos que visam estimular o carácter turístico. A proposta reinterpreta o território existente, adapta as superfícies e os usos, recupera as pré-existências de valor, introduz novos materiais e explora soluções inovadoras a diversos níveis:

- i) Controlo e erradicação de espécies vegetais invasoras na área de intervenção;
- ii) Recuperação dos caminhos existentes, nomeadamente a calçada em xisto que constitui os arruamentos da aldeia e que se encontra degradada;
- iii) Recuperação de estruturas de cariz etnográfico como os muros e escadas em pedra, o moinho de rodízio, os fornos a lenha, as represas de água e a mina de água em alvenaria de pedra;
- iv) Recuperação das antigas levadas do sistema de regadio dos socalcos e utilização do mesmo para rega dos espaços exteriores e zonas de cultivo;
- v) Instalação de painéis solares, painéis fotovoltaicos, uma mini-hídrica e uma micro-hídrica para produção de energia elétrica;
- vi) Enterramento das redes aéreas (rede elétrica e telecomunicações);
- vii) Escolha de Iluminação LED de baixo consumo energético para a iluminação exterior.

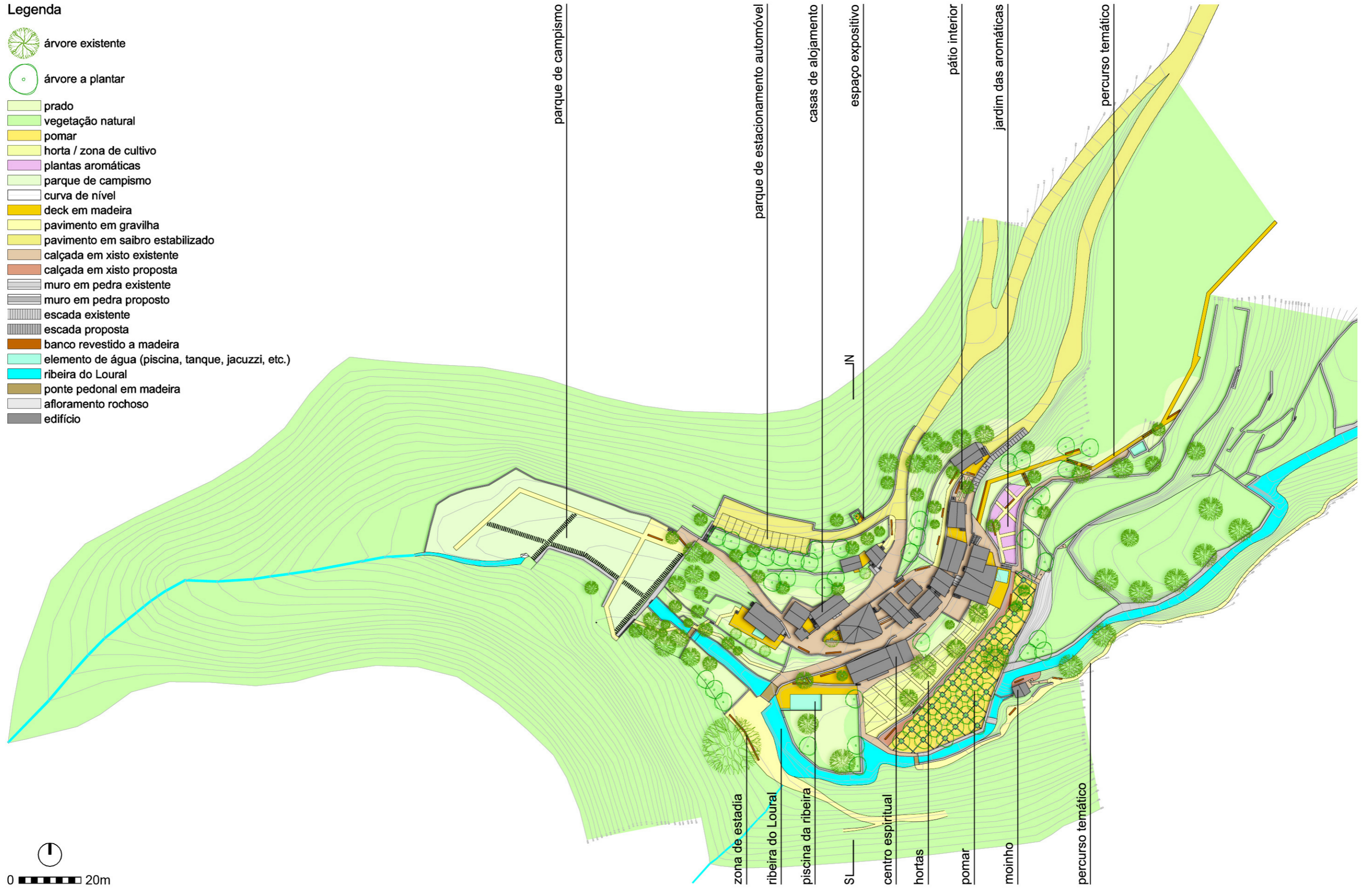


Fig.46 - Plano geral da proposta de intervenção (Fonte: Autor)

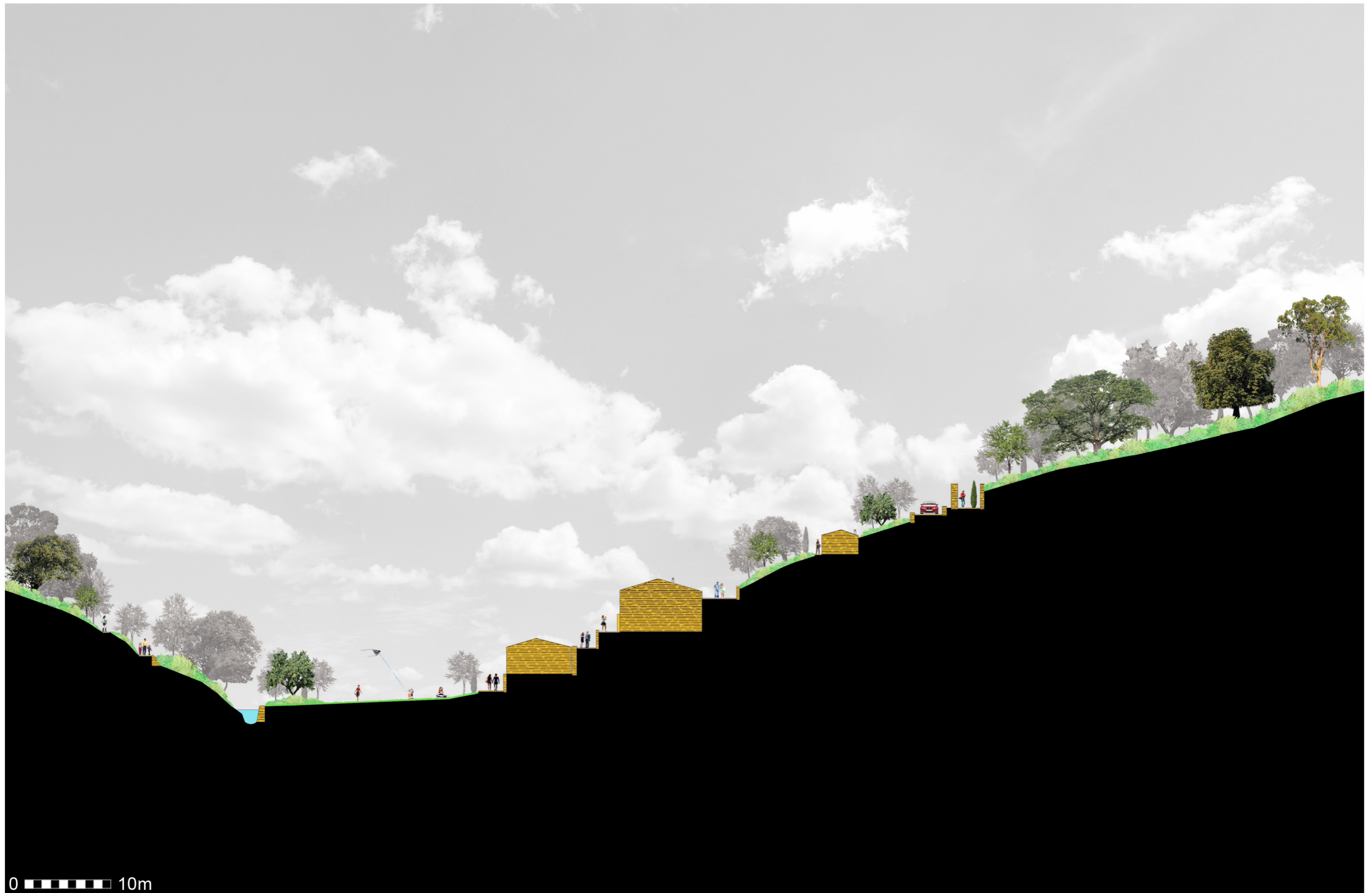


Fig.47 - Corte S-N da proposta de intervenção (Fonte: Autor)



























## **Espaço comum da aldeia**

Por espaço comum da aldeia, entende-se as áreas confinantes com as estruturas edificadas da aldeia (ver figura 48). As principais ações a serem levadas a cabo neste local são:

- i) O enterramento das linhas aéreas (rede elétrica e telecomunicações);
- ii) A implementação da rede de infraestruturas básicas (água e esgotos);
- iii) A Recuperação da calçada em xisto;
- iv) A criação de zonas de estadia, como pátios, terraços e esplanadas ao ar-livre, adjacentes aos edifícios;
- v) A construção de piscinas e jacuzzis ao ar-livre, também adjacentes aos edifícios;
- vi) A Instalação de elementos de mobiliário de exterior como bancos, mesas, papeleiras e ecopontos;
- vii) A Instalação de elementos de iluminação exterior, como candeeiros, pimenteiros e projetores de solo;
- viii) Pontualmente, propõe-se a plantação de algumas espécies vegetais, como árvores, arbustos e herbáceas em locais considerados de interesse, como por exemplo, nos pátios e logradouros das unidades de alojamento.

### Legenda

-  árvore existente
-  árvore a plantar
-  prado
-  vegetação natural
-  pomar
-  horta / zona de cultivo
-  plantas aromáticas
-  parque de campismo
-  curva de nível
-  deck em madeira
-  pavimento em gravilha
-  pavimento em saibro estabilizado
-  calçada em xisto existente
-  calçada em xisto proposta
-  muro em pedra existente
-  muro em pedra proposto
-  escada existente
-  escada proposta
-  banco revestido a madeira
-  elemento de água (piscina, tanque, jacuzzi, etc.)
-  ribeira do Loural
-  ponte pedonal em madeira
-  afloramento rochoso
-  edifício

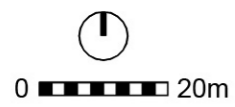


























Fig.48 - Destaque do espaço comum da aldeia do Loural (Fonte: Autor)

## **Socalcos e zonas adjacentes à aldeia**

Nos socalcos e terrenos adjacentes à aldeia (ver figura 49), é proposto:

- i) A implementação de um pequeno parque de estacionamento com capacidade para 12 automóveis;
- ii) A criação de um jardim temático com ervas aromáticas e plantas medicinais que deverá funcionar como local distinto dos restantes, de atração cromática e sensorial. As plantas aromáticas e medicinais serão posteriormente vendidas aos visitantes, no espaço de receção das unidades de alojamento da aldeia;
- iii) A Reconversão e adaptação de um antigo curral em ruína, do qual apenas restam as paredes exteriores, localizado a norte da aldeia, a um espaço expositivo ao ar-livre. Este local multiusos poderá ser usado para divulgação de produtos locais, para exposições, para amostras etnográficas, etc.;
- iv) A implementação de zonas de cultivo agrícola, como hortas e pomares de árvores de fruto a sul da aldeia. Estes produtos serão usados para a confeção de refeições para os visitantes. A manutenção destes locais estará a cargo dos responsáveis pela aldeia (promotores ou colaboradores), no entanto, poderá ser proposto aos visitantes a participação nestas atividades numa perspetiva pedagógica;
- v) A construção de uma piscina ao ar-livre na zona sul da aldeia, junto à ribeira do Loural e abastecida com água desta ribeira. À piscina está associada uma zona de estadia em deck de madeira.

Legenda

-  árvore existente
-  árvore a plantar
-  prado
-  vegetação natural
-  pomar
-  horta / zona de cultivo
-  plantas aromáticas
-  parque de campismo
-  curva de nível
-  deck em madeira
-  pavimento em gravilha
-  pavimento em saibro estabilizado
-  calçada em xisto existente
-  calçada em xisto proposta
-  muro em pedra existente
-  muro em pedra proposto
-  escada existente
-  escada proposta
-  banco revestido a madeira
-  elemento de água (piscina, tanque, jacuzzi, etc.)
-  ribeira do Loural
-  ponte pedonal em madeira
-  afloramento rochoso
-  edifício

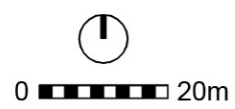


Fig.49 - Destaque da área dos socalcos e zonas adjacentes à aldeia do Loural (Fonte: Autor)

## **Zona envolvente da aldeia**

A zona envolvente da aldeia corresponde à restante área de intervenção. Atualmente, é maioritariamente preenchida com floresta (ver figura 50).

Na zona a poente da aldeia, num dos maiores terraços da envolvente, é proposta a implementação de um de parque de campismo. Este local destina-se a complementar a oferta em alojamento da aldeia.

Na ribeira do Loural é proposto a criação de piscinas naturais através da recuperação dos muros da ribeira e da reconstrução de antigos diques ou construção de novos.

Prevê-se também a revitalização de antigos caminhos utilizados no passado para a agricultura, pastorícia ou abastecimento de água. Estes caminhos deverão funcionar como percursos temáticos (ligados à agricultura, pastorícia ou funcionado como percursos de natureza). Associados a estes percursos temáticos, existem espaços com diferentes valências, como cascatas e quedas de água, campos agrícolas, ligações a outras aldeias. É proposto a criação de zonas de estadia ao longo dos percursos, munidas de bancos, permitindo aos visitantes momentos de descanso e contemplação da paisagem.

A zona de mata ou floresta deverá ser recuperada através da erradicação faseada da flora infestante e da substituição das monoculturas de pinheiro e eucalipto por matas de autóctones (através da criação de condições favoráveis à regeneração e à plantação de espécies autóctones). As espécies nativas, bem adaptadas ao clima local ou consideradas de interesse existentes deverão ser mantidas nesta proposta.



Fig.50 - Destaque da zona envolvente à aldeia do Loural (Fonte: Autor)

## Pavimentos

Os critérios que presidiram à escolha de novos pavimentos foram: opção por materiais locais (xisto, madeira); permeabilidade (escolha de pavimentos permeáveis e semi-permeáveis); textura e cor (opção por materiais com cores claras, por forma a introduzir mais luz nos espaços, contrastando com a cor escura dos arruamentos em xisto da aldeia) (ver figura 51).

Para os pavimentos de acesso automóvel é proposto o saibro, tanto para a repavimentação do acesso principal à aldeia (desde a estrada municipal à entrada da aldeia), como para a zona de estacionamento automóvel a implantar na zona norte da aldeia. O saibro vem dar outra estabilidade aos acessos automóveis, atualmente em terra batida e apresenta-se como uma solução de baixo custo em alternativa aos pavimentos impermeabilizantes do solo, como betuminosos ou asfalto.

Relativamente aos arruamentos e zonas comuns da aldeia adjacentes aos edifícios é proposta a recuperação da calçada em xisto assente a cutelo existente. No processo de enterramento das infraestruturas e rede aéreas, a calçada deverá ser levantada e reposta novamente segundo as cotas de projeto. Eventualmente, será necessário executar a pavimentação em calçada de xisto de raiz, uma vez que a existente, em determinados locais da aldeia, praticamente já não existe, dando lugar à terra batida.

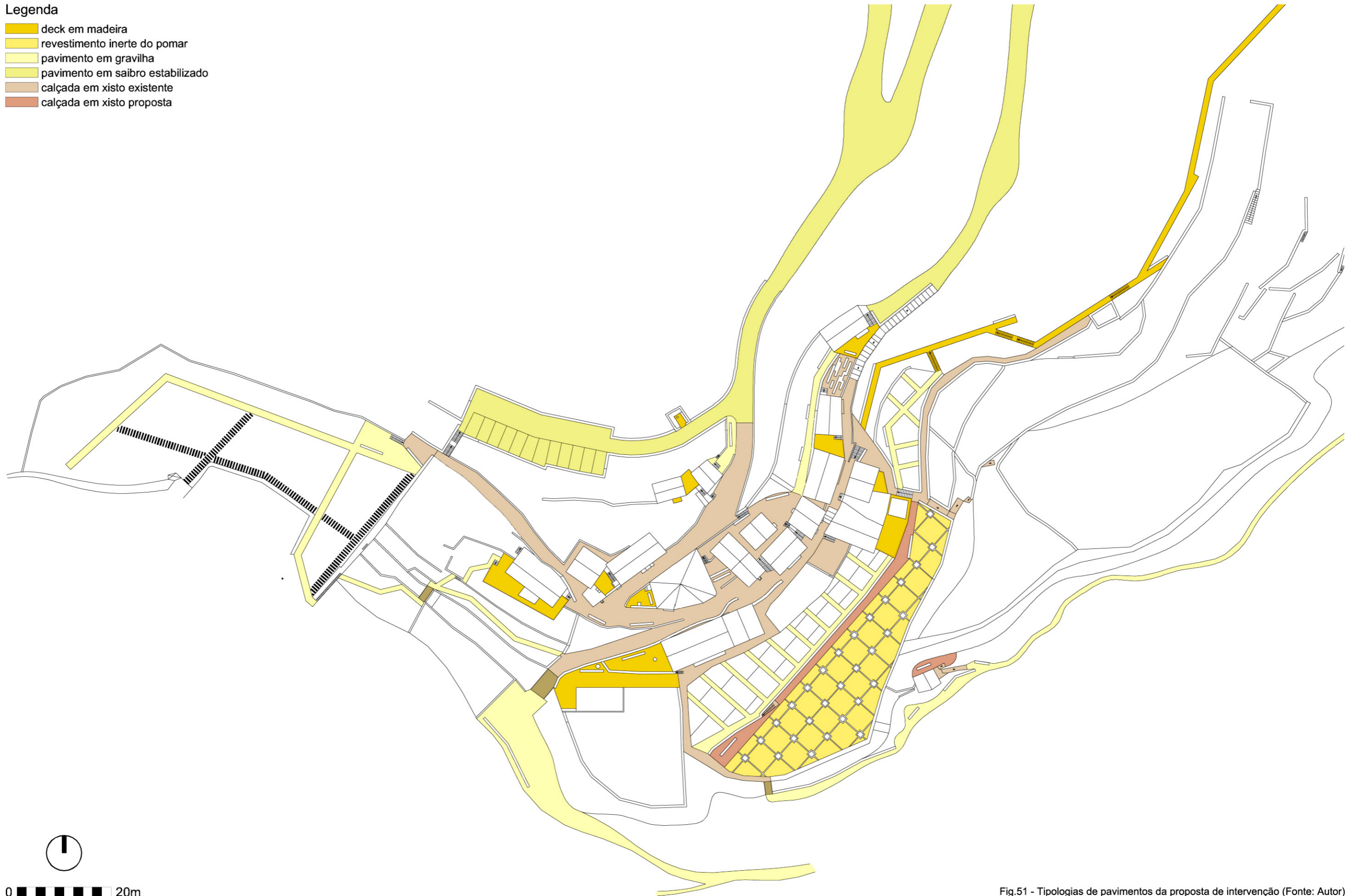
Para as zonas de esplanadas, terraços, pátios, áreas de apoio a piscinas e jacúzis ao ar livre e outras com características semelhantes, a escolha de materiais recaiu sobre o deck em madeira, e em alguns casos, sobre a calçada de xisto e lajes de xisto dispostas horizontalmente no pavimento.

A zona de pomar deverá ser revestida com gravilha de cor clara, impedindo desta forma, o nascimento de infestantes e a erosão do solo.

Quanto aos percursos temáticos, são propostos diversos pavimentos consoante os diversos locais abrangidos pelo percurso, a capacidade de carga e os desníveis a vencer. Estes percursos poderão ser em passadiço de madeira em caso de topografia acidentada do terreno, saibro, gravilha ou terra batida.

Legenda

- deck em madeira
- revestimento inerte do pomar
- pavimento em gravilha
- pavimento em saibro estabilizado
- calçada em xisto existente
- calçada em xisto proposta



0 ■■■■■ 20m

Fig.51 - Tipologias de pavimentos da proposta de intervenção (Fonte: Autor)



## **Estruturas construídas, mobiliário de exterior e iluminação**

Relativamente às estruturas construídas existentes, é proposto a recuperação dos muros e escadas em pedra sempre que estes se encontrem em mau estado de conservação. Pontualmente é proposto a criação de novos muros em xisto e de novas escadas.









Está previsto a implementação de uma pequena piscina adjacente a uma unidade de alojamento e de carácter mais privado, ou seja, para usufruto dos utilizadores dessa unidade. Num terraço adjacente ao edifício de serviços (receção, cozinha e sala comuns e sauna) é proposto um jacuzzi ao ar livre. A sul da aldeia, deverá ser instalada uma piscina comum, que servirá, tal como o jacuzzi, os utilizadores da aldeia. Para a zona de pomar é proposto um sistema de rega através de canais que distribuirão a água pelas árvores de fruto.

Na zona sul da aldeia, junto à ribeira do Loural, é proposto a instalação de uma ponte em madeira em substituição de uma laje em betão existente atualmente e que permite a passagem entre as duas margens da ribeira.

O mobiliário de exterior proposto traduz-se em bancos, mesas, papeleiras, cinzeiros, sinalética e placas informativas. A implementação de grande parte do mobiliário será da responsabilidade da Câmara Municipal de Góis (parceira neste projeto). Os modelos escolhidos deverão adaptar-se ao local em que se inserem, ser consonantes entre si e que não coloquem em causa o carácter rural da paisagem. Preferencialmente deverão ter elementos em madeira, em harmonia com outros elementos da proposta e a escolha deverá recair em modelos resistentes, de baixo custo e com design atrativo.

A iluminação desempenha um papel importante na vivência noturna da aldeia. São propostas luminárias com poste ou em consola para a zona da aldeia e pimenteiros para iluminação dos percursos das imediações da aldeia. Para a iluminação localizada, propõem-se alguns pontos de luz que iluminem zonas específicas ou de elementos importantes (entradas, indicação de caminho, pontos importantes, vegetação especial, etc.). A iluminação proposta deverá ser LED por forma a alcançar uma maior eficiência energética e os modelos deverão enquadrar-se no ambiente em que se inserem.

Legenda

-  muro em pedra existente
-  muro em pedra proposto
-  escada existente
-  escada proposta
-  banco revestido a madeira
-  elemento de água (piscina, tanque, jacuzzi, etc.)
-  ponte pedonal em madeira
-  edifício

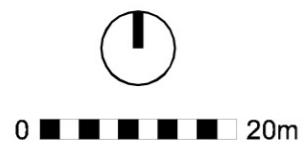
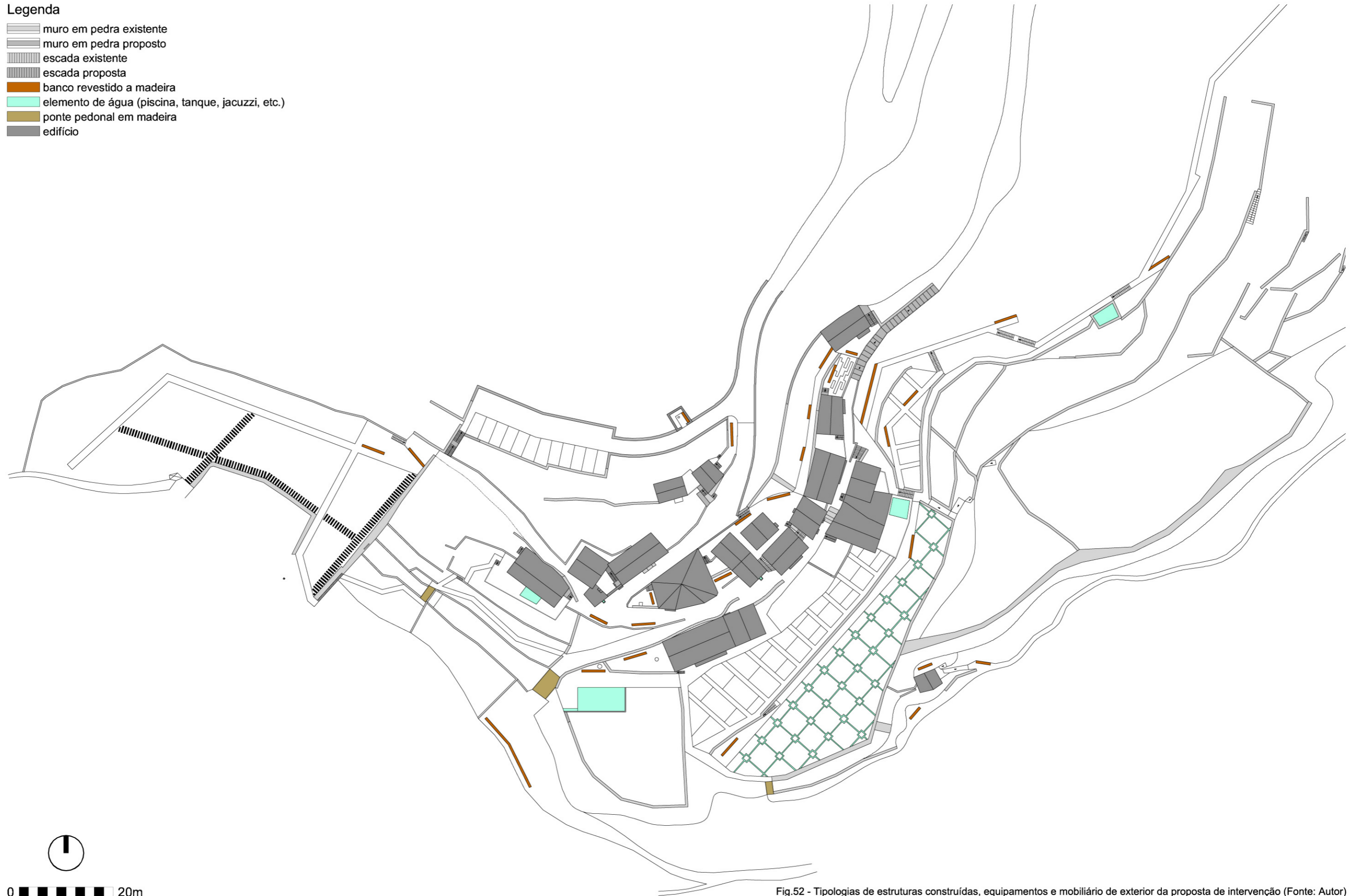


Fig.52 - Tipologias de estruturas construídas, equipamentos e mobiliário de exterior da proposta de intervenção (Fonte: Autor)

## Vegetação

Na maior parte da área de intervenção é mantido o revestimento arbustivo e herbáceo existente (composto essencialmente por gramíneas, urzes, giestas, entre outras) bem como o coberto arbóreo autóctone ou de interesse para a proposta. Propõe-se ainda a plantação pontual de árvores e arbustos de espécies autóctones e espécies bem adaptadas ao clima local.

Nalguns locais dos socacos envolventes da aldeia, é proposta a criação de zonas mais abertas e de recreio ativo, como zonas de prado. Estas zonas deverão ser enquadradas por maciços de vegetação seguindo a tipologia clareira-orla-mata. Os prados deverão ser compostos por espécies que exijam uma baixa manutenção e uma baixa exigência em água.

A vegetação escolhida para a proposta é maioritariamente constituída por espécies autóctones ou, em alternativa, por espécies bem adaptadas ao clima local e à paisagem. Esta opção pretende conseguir uma integração mais harmoniosa da vegetação proposta para esta paisagem, potenciar a biodiversidade e diminuir a exigência em água e custos de manutenção.

É pretendido que a vegetação tenha um desenvolvimento natural assumindo um carácter espontâneo, de modo a integrar-se naturalmente no contínuo paisagístico da aldeia e envolvente. Desta forma, deverão ser evitadas ações de manutenção, como podas excessivas que coloquem em causa o desenvolvimento natural da vegetação.

Legenda

-  árvore existente
-  árvore a plantar
-  prado
-  vegetação natural
-  pomar
-  horta / zona de cultivo
-  plantas aromáticas



Fig.53 - Tipologias de vegetação da proposta de intervenção (Fonte: Autor)

## **Drenagem**

No que diz respeito à drenagem das águas pluviais, é proposto que a água das chuvas seja recolhida por um sistema de sumidouros localizados ao longo dos arruamentos e encaminhada para um tanque de armazenamento subterrâneo a implementar na zona sul da aldeia; para o sistema de rega tradicional; ou orientada para as zonas verdes.

## **Rega**

No que diz respeito à rega dos espaços exteriores, a principal ação proposta recai na recuperação do sistema tradicional de rega usado no passado, com recurso a levadas e tirando partido dos socalcos e inclinação do terreno. Através deste sistema de rega tradicional, a água deverá ser canalizada para a rega dos espaços exteriores, principalmente para as zonas de prado e de cultivo agrícola, hortas e pomares.

Devido à escolha de espécies autóctones e bem adaptadas ao clima local e à existência do sistema de rega tradicional, considerou-se dispensável a instalação de um sistema de rega automático.

Poderão ainda ser instaladas algumas bocas de rega (alimentadas com água proveniente do tanque de armazenamento das águas pluviais ou em alternativa por água da rede pública), principalmente na aldeia e zonas mais próximas, garantindo a rega dos espaços verdes nos meses mais secos do ano e sempre que não exista água disponível no sistema de rega tradicional.

## **Perspetivas futuras e pós-intervenção**

A intervenção deverá ser realizada com conhecimento e sensibilidade, por pessoal habilitado e competente e com acompanhamento permanente de técnicos especializados, do autor do projeto e da fiscalização autorizada.

Para além das questões técnicas ou científicas inerentes à implementação e desenvolvimento da proposta, poderão surgir constrangimentos, sobretudo de ordem institucional ou operacional que exijam ajustamento das ações previstas na proposta de intervenção. A vulnerabilidade de alguns locais, nomeadamente os socalcos e a zona de floresta, implica a apresentação de soluções e medidas de intervenção a adaptar em função

da evolução verificada. Consequentemente, deverá proceder-se a uma monitorização dos espaços projetados.

A abrangência e influência das intervenções propostas excedem, em algumas situações, as responsabilidades e as competências dos promotores da aldeia. Aspectos relacionados com a futura gestão da paisagem, principalmente da floresta e manutenção das infraestruturas, equipamentos e acessibilidades deverão contar com o apoio de várias outras entidades públicas e privadas: da Câmara Municipal de Góis, de comissões de melhoramentos vizinhas, de associações culturais e outras coletividades, de empresas privadas ou da própria população das localidades mais próximas.

O sucesso da intervenção passará pela adesão e compromisso de todos os intervenientes no processo na correta aplicação das ações previstas: entidades públicas, instituições de gestão do território e principalmente os promotores do projeto. As populações vizinhas da aldeia do Loural e em particular os turistas e visitantes da aldeia deverão ser sensibilizados para a importância e pertinência da valorização e proteção ambiental e paisagística desta zona, para que possam também contribuir para a gestão deste espaço.

Em termos económicos, a proposta de intervenção deverá ser vista como um investimento a médio/longo prazo e nunca como uma despesa sem retorno monetário. Espaços de qualidade como os previstos são cada vez mais importantes na paisagem do xisto atual e podem efetivamente constituir fontes de rentabilidade e prosperidade financeira.

Atualmente, a proposta de intervenção para o Loural, aldeia e paisagem envolvente, encontra-se em fase de implementação, tendo já começado as obras de requalificação a diversos níveis, prevendo-se a sua conclusão num futuro próximo.



Fig.54 - Modelação virtual da proposta (Fonte: Autor)



Fig.55 - Modelação virtual da proposta (Fonte: Autor)



Fig.56 - Modelação virtual da proposta (Fonte: Autor)



Fig.57 - Modelação virtual da proposta (Fonte: Autor)



## Capítulo 5. Considerações finais

Numa era de procura crescente de respostas para a sustentabilidade da paisagem do xisto, nomeadamente através da arquitetura paisagista, conclui-se que a intervenção na paisagem do xisto com vista à sua (re)qualificação não será a resposta a todos os problemas destes territórios. Nem será uma solução aplicável a todas as paisagens com estas características existentes em Portugal e no mundo. Porém, a (re)qualificação destas paisagens é uma solução que poderá e deverá ser equacionada e considerada no desenvolvimento sustentável dos territórios e na obtenção de uma paisagem melhor, mais bem organizada, forte, sustentável e próspera.

Entende-se que a arquitetura paisagista, pela sua abrangência multidisciplinar e abordagem holística, será uma das principais disciplinas a ser capaz de propor soluções otimizadas, competentes e sustentáveis com vista à minimização dos problemas que afetam a paisagem do xisto.

Relativamente ao tema em estudo nesta dissertação, compreende-se que as possibilidades de abordagem poderiam ser diversas. Em face dos constrangimentos inerentes, designadamente o tempo previsto para a realização desta dissertação, optou-se por uma abordagem mais generalista da intervenção na paisagem do xisto, em detrimento de uma abordagem exaustiva da temática.

No que respeita aos novos paradigmas do mundo rural, atual e aos seus novos paradigmas, apesar da questão da “fetichização do rural” ainda não estar claramente definida como um problema, ela encontra-se bem presente no mundo rural. Não deixa de ser contraditório que, face à procura “entusiasta” e “fetichizada” do rural por parte das pessoas da cidade, o espaço rural continue em processo de desertificação. Pode-se concluir que os atuais instrumentos, programas, políticas e estratégias, não apontam, como possível eixo de ação, cativar e atrair a população urbana a fixar-se no espaço rural e qualificá-la com esse fim. Na realidade, as políticas focam-se quase sempre no objetivo de fixar a comunidade local. No entanto, os interesses da população, muitas das vezes, vão contra esse objetivo: os urbanos valorizam o rural (embora de forma “fetichizada”) e os rurais valorizam o espaço urbano (símbolo de progresso e qualidade de vida).

Da análise da paisagem do xisto da serra do Açor e serra da Lousã, dos exemplos de intervenções em aldeias da região e do caso de estudo apresentado nesta dissertação, resultaram as seguintes considerações:

- Relativamente às aldeias do xisto verificam-se atualmente duas situações distintas. As que permanecem habitadas por populações envelhecidas, sofrendo um lento processo de desertificação que as levará ao abandono total. E as que já passaram por essa fase de desertificação e degradação, encontrando-se atualmente, ou abandonadas ou em processo de reabilitação. A aldeia do Loural - caso de estudo desta dissertação - insere-se neste segundo grupo, encontrando-se em fase de reabilitação;
- As intervenções, apesar de maioritariamente terem como objetivo manter a identidade do local, ficam-se geralmente pela recriação dessa identidade para fins turísticos. Depois da transformação dos locais, estes não voltam a ser os mesmos, não só a nível físico como identitário;
- O turismo, apontado como o principal agente transformador destes lugares, tem duas ações fundamentais, por um lado provoca a destabilização nos processos sociais locais, e por outro promove situações coletivas que permitem aos habitantes assegurar alguns elementos identitários da sua cultura;
- Quando o turismo integra as ambições dos atores locais, a ligação que o homem estabelece com o lugar afigura-se mais respeitada, valorizada e com maiores possibilidades de ser preservada;
- As aldeias do xisto foram requalificadas para um novo conceito de habitante ou turista proveniente de áreas urbanas, constituindo-se agora como lugares essencialmente de fruição turística. Em seu lugar, surge um novo tipo de aldeia, que de efetivo e típico normalmente apenas tem os seus habitantes e a intenção ancestral de um futuro melhor;
- Cada vez mais se caminha para uma ocupação “museológica” das aldeias do xisto, não sendo assim praticável a continuação do vínculo entre o homem e lugar. Os novos utilizadores e fruidores procuram soluções onde reina o conforto e o bem-estar contemporâneos, contrariamente aos povos ancestrais destes espaços que viviam, trabalhavam, aprendiam e ensinavam em função das vicissitudes e particularidades do local.

Desta forma, conclui-se que ao intervir na paisagem do xisto interessa compreender e reconfigurar, o espírito autêntico e genuíno dos lugares. É esse espírito que marca a identidade e carácter próprios e distintivos de cada espaço, sendo esta paridade que deverá ser resgatada e mantida numa intervenção da paisagem do xisto. A revitalização do património rural deve constituir uma via para a implementação de projetos inovadores, estruturantes e de regeneração da paisagem do xisto, tendo como principais beneficiários as pessoas.

Considera-se que deveria ser executada uma proposta de intervenção para cada aldeia em particular, porque cada uma delas possui as suas próprias características e o seu próprio

caráter. Mesmo tratando-se de um grupo de povoados pertencentes à mesma região e com características semelhantes. Torna-se necessário analisar os fatores ecológicos e socioeconómicos de cada espaço de intervenção e ver como eles se podem adaptar e interligar entre si. É fundamental proceder a uma análise cuidada do espaço de intervenção, suas potencialidades e constrangimentos, assim como perceber as expectativas dos atores locais e de quem usufrui destes espaços. Será necessário implementar um conjunto de atividades socioeconómicas que revitalizem as aldeias e as pessoas, que estabeleça cada vez mais contacto com a natureza e paisagem envolvente e que consiga reajustar o património construído a uma realidade atual, em vez de tentar apenas “imitar” o passado.

A procura pela minimização de manutenção, custos, encargos e impactos negativos sobre o a paisagem do xisto, sem contudo, comprometer as funções vitais estruturantes da paisagem, são preocupações cada vez mais a ter em conta na intervenção na paisagem do xisto. Deve-se ainda procurar inculcar o reconhecimento, junto das populações, das valências e vantagens da vegetação autóctone, do combate a espécies invasoras e dos materiais locais ou tradicionais.

Analisando os exemplos de intervenções realizadas em aldeias do xisto descritos nesta dissertação, conclui-se que existem, logo à partida, evidências transversais a todos eles. Estes exemplos, apresentados em seguida por ordem de relevância entre eles: Piódão (maior relevância), Gondramaz, Cerdeira e Loural (atualmente, com pouca relevância), evidenciam na sua génese de desenvolvimento, o xisto, pedra da região usada para a construção destes locais. A madeira surge, como outro material indissociável da história de evolução destas terras. O isolamento, aliado às dificuldades de acesso levou a que, nestas aldeias, os modos de vida do exterior, bem como as técnicas construtivas modernas não chegassem ali com facilidade, mantendo-se sempre o caráter tradicional tanto nas atividades praticadas, como nas próprias construções. Eram locais que dependiam da paisagem envolvente e que pertenciam à mesma. Contudo, devido ao seu isolamento e ao êxodo rural, estas aldeias sofreram fortemente com o processo de desertificação, sendo que as intervenções, ao nível dos diversos programas comunitários, investimentos públicos e privados, entre outros, vieram contribuir para a recuperação das mesmas.

A aldeia do Piódão surge como um caso distinto das restantes. É classificada desde 1978, como Imóvel de Interesse Público e integra atualmente o conjunto das aldeias históricas de Portugal. O Piódão é sobejamente popular, sendo provavelmente o expoente máximo a diversos níveis das aldeias do xisto em Portugal. Tendo o turismo como fonte de rendimento principal, acolhe anualmente milhares de visitantes. Gondramaz e Cerdeira, pertencentes à

RAX, após as intervenções de que foram alvo, têm vindo a afirmar-se no panorama regional. A aldeia do Loural, atualmente em fase de implementação da proposta de (re)qualificação apresentada no âmbito deste trabalho, considera-se que ainda não apresenta relevância no panorama regional. No entanto é esperado que tal venha a acontecer a curto/médio prazo.

Conclui-se que apesar de alguns aspetos negativos inerentes aos processos de intervenção, estes vieram contribuir para o desenvolvimento destes locais e constituem atualmente formas de combate à crescente desertificação destes espaços. O número de intervenções públicas e privadas também condicionou a evolução destas aldeias, surgindo como mais desenvolvidas as aldeias com maior número de intervenções. No entanto, devido ao número de amostragem ser diminuto, não se pode tomar como dado adquirido esta relação entre o número de intervenções com o grau de desenvolvimento dos locais. Até porque o grau de evolução das aldeias resulta de uma série de fatores amplamente complexos e que ultrapassa apenas o número de intervenções.

O Loural distingue-se dos restantes casos de estudo pois atualmente não possui habitantes. A aldeia e terrenos envolventes pertencem a promotores privados e a intervenção será, ao que tudo indica, levada a cabo na aldeia inteira e paisagem envolvente sob a mesma estratégia de intervenção, adquirindo desta forma uma harmonia, que será sem dúvida, uma mais-valia para este local.

A proposta de (re)qualificação do Loural, aldeia e paisagem envolvente, na amplitude das suas fases de conceção e implementação, tal como se anseia e se acredita, pode vir a constituir um caso de sucesso, quer no panorama regional e nacional como no internacional. Assim, crê-se que a aldeia do Loural possa vir a representar um pólo de atração turística na vertente de turismo de aldeia, turismo de natureza, turismo cultural e turismo das artes de meditação.

Considera-se que esta proposta apresenta como dimensões inovadoras:

- A criação de um produto turístico original, uma paisagem inovadora e uma marca diferenciadora;
- A valorização dos contextos territoriais, do mundo rural e dos recursos endógenos;
- A construção de uma rede de espaços requalificados e revitalizados;
- A criação de animação turística e cultural através de uma agenda diversificada de ações a serem levadas a cabo.

Para finalizar, propõe-se uma última reflexão que poderá ser uma das chaves fulcrais para o sucesso das intervenções na paisagem do xisto. Todas as medidas ou propostas de

intervenção deverão ter o homem como ponto em comum. Assim, como principal usufruidor e transformador da paisagem e ecossistemas constituintes, o homem nunca poderá ser ignorado, todos os processos e estratégias de intervenção, de modificação, de qualificação ou de reabilitação deverão conjugar os valores naturais da paisagem do xisto e a sua sustentabilidade com as necessidades humanas, quer sejam ecológicas, económicas, sociais ou políticas.

## Referências bibliográficas

- Anacleto, R. (1996). Arganil: cidades e vilas de Portugal. Editorial Presença. Lisboa;
- ACFP (2004). Plano de Acção Integrada para a Freguesia do Piódão. Associação de Compartes da Freguesia do Piódão. Arganil. Pág. 49;
- Arquitectura popular em Portugal. Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa. 3ª Edição. Sindicato Nacional dos Arquitectos. Associação dos Arquitectos Portugueses, 1961. Vol. 2: Zona 3: Beiras. Lisboa;
- Belo, C., Pereira, M., Felício, N., Madanelo, J. & Domingos, T. (2008). Sistemas de Produção Animal Extensivos. A Pastorícia e os Produtos de Qualidade. Alentejo e Serra da Estrela. In A Silvopastorícia na Prevenção dos Fogos Rurais. Lisboa;
- Cabral, Francisco Caldeira (1982). O "continuum naturale" e a Conservação da Natureza. Publicação: Serviço de Estudos do Ambiente, I Seminário sobre "Conservação da Natureza". Lisboa;
- Cabral, J. C. (2006). Desertificação em Zonas de Montanha. Jornadas de Desertificação e Despovoamento. Lisboa;
- Carvalho, Fernando (2012). O Espaço Rural - Novos Paradigmas de Desenvolvimento. Artigo publicado no Jornal de Oleiros. Oleiros;
- Carvalho, P. & Correia, J. (2007). Turistificação, atrimonialização e dinâmicas territoriais em contexto rural de montanha: o exemplo do Piódão. Actas do III Congresso de Estudos Rurais. Faro;
- Carvalho, Paulo (2013). Desenvolvimento em áreas de montanha: notas geográficas a partir da cordilheira central portuguesa. Edição: EUMED. Universidade de Málaga, Espanha;
- Carvalho, Paulo (2009) Património Construído e Desenvolvimento em Áreas de Montanha: O Exemplo da Serra da Lousã. Câmara Municipal da Lousã. Pág. 656;

- Carvalho, Paulo (2009). Planeamento, Redes Territoriais e Novos Produtos Turísticos Eco-culturais. Universidade de Coimbra;
- Carvalho, Sandra Cristina Peres Furtado de (2008) Recuperação de construções em xisto: três processos para Gondramaz. Prova Final de Licenciatura em Arquitectura. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra;
- Catita, Ana (2012). Paisagem e Ordenamento do Território: convergência de políticas. Artigo de opinião na publicação Paisagens Produtivas. Págs. 34-37. Edição Associação Portuguesa de Arquitectos Paisagistas. Lisboa;
- Cluny, Helena de Lima (2012). A Paisagem como Objecto de Protecção Jurídica Ambiental. Artigo de opinião na publicação Paisagem e Lei. Págs. 15-19. Edição Associação Portuguesa de Arquitectos Paisagistas. Lisboa;
- Correia, Juliana Bento (2009). Turismo, Património e Desenvolvimento em Ambientes de Montanha - o exemplo do Piódão (Cordilheira Central). Dissertação de Mestrado na área de Geografia, especialidade em Ordenamento do Território. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra;
- D'abreu, Margarida Cancela (2012). O Ambiente, o Ordenamento do Território, a Paisagem e a Lei. Artigo de opinião na publicação Paisagem e Lei. Págs. 5-7. Edição Associação Portuguesa de Arquitectos Paisagistas. Lisboa;
- D'abreu, Margarida Cancela (2012). A Actual Orgânica do Ministério da Agricultura, Mar, Ambiente e Ordenamento do Território e a Política de Paisagem. Artigo de opinião na publicação Paisagens Produtivas. Págs. 3-5. Edição Associação Portuguesa de Arquitectos Paisagistas. Lisboa;
- Fernandes, C., Lopes, I., Moita, S. & Silva, L. Aldeias Serranas, que Futuro? Escola Superior Agrária de Beja;
- Ferrão, J. (2000). Relações entre mundo rural e mundo urbano: evolução histórica, situação actual e pistas para o futuro. EURE (Santiago) Vol. 26, n.º78;

- Ferreira, Pedro Navega (2011). Programa de Recuperação de Aldeias Históricas em Portugal: um balanço. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra;
- Figueiredo, Elisabete (2004). Encontro de Turismo em Espaços Rurais e Naturais. Actas do I Encontro de Turismo em Espaços Rurais e Naturais. Coimbra;
- Figueiredo, Elisabete (2001). O Rural como Reserva ambiental – O Lugar do Ambiente nas Procuras Externas das Áreas Rurais em Portugal. In IV Colóquio Hispano-Português de Estudios Rurales. Santiago de Compostela.
- Fontes, M. P. F. (1984). Introdução ao Estudo de Minerais e Rochas. Viçosa. Imprensa Universitária da U. F. V.
- Gomes, Bruno & Pais, Carina (2008). O Espaço Rural no âmbito das Políticas de Desenvolvimento: O Caso do Pinhal Interior. Comunicação apresentada no VII Colóquio Ibérico de Estudos Rurais – Cultura, Inovação e Território. Coimbra;
- Henriques, Louzã (1989). Artigos de opinião publicados na Revista Arunce. Lousã.
- ICN - Instituto da Conservação da Natureza (2000-2006). Turismo de Natureza, Enquadramento Estratégico - Paisagem Protegida da Serra do Açor.
- Magalhães, Manuela Raposo (2001). A Arquitectura Paisagista - morfologia e complexidade. Editorial Estampa. Lisboa;
- Mergulhão, Luís & Ribeiro, Manuela (2004). Turismo e Desenvolvimento das Regiões do Interior - A Perspectiva dos Autarcas. Actas do IV Congresso Português de Sociologia, 25 a 28 de Junho. Lisboa;
- Moreira, Inês Silva Brabant (2011). Aldeias de Xisto - Projecto para reabilitação da aldeia da Cerdeira. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia. Universidade de Coimbra;



- Moreno, Luís (1999). A Serra do Açor e o Piódão: Refúgios de uma Ruralidade Recriada. Cavaco, Desenvolvimento Rural: Desafio e Utopia, Centro de Estudos Geográficos, Universidade de Lisboa;
- Neves, Sílvia (1996). A Margaraça oito anos após os incêndios. Instituto da Conservação da Natureza;
- Noronha, S.M.P. (1998). Valorização e recuperação da Gruta do Zambujal, pedreira e envolvente; Relatório Final Licenciatura em Arquitectura Paisagista. Instituto Superior de Agronomia. Lisboa.
- Paiva, Jorge (1988). O Coberto Vegetal da Serra da Lousã. Jornadas de Cultura e Turismo. Comemoração do 150º Aniversário da 1ª Viagem Turística e Cultural à Serra da Lousã. Câmara Municipal da Lousã;
- Ribeiro, Orlando (1986). Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico. Edições Sá da Costa. Lisboa;
- Saraiva, Maria da Graça Neto (2012). As paisagens Produtivas no Mundo Rural - Perplexidades e Desafios. Artigo de opinião na publicação Paisagens Produtivas. Págs. 15-19. Edição Associação Portuguesa de Arquitectos Paisagistas. Lisboa;
- Silva, João Pedro Ferreira da (2010). O Ordenamento do Território e a Prevenção dos Incêndios Rurais. Caso de estudo: Concelho de Mirandela. Dissertação de Mestrado. Instituto Superior de Agronomia. Lisboa;
- Silva, Maria Lina Gonçalves da (2009). Aldeias de Xisto, Construção das imagens do turismo. Caso de Estudo – Gondramaz. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra;
- Lourenço, Luciano Fernandes (1997). Serras de xisto do centro de Portugal : contribuição para o seu conhecimento geomorfológico e geo-ecológico. Tese de doutoramento em Geografia Física. Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra;

- Lozano, C. C., Ponce, M. A. R. & Silveira, P. (2000). O género *Festuca L.* nas Serras do Açor e Lousã. Revista Portugaliae Acta Biologica, ISSN 0874-9035, Vol. 19, nº 1-4. Lisboa;
- Telles, Gonçalo Ribeiro (2004). A Paisagem é Tudo – Pessoas e Lugares. Jornal de Animação da Rede Portuguesa LEADER+. II Série;
- Ventura, Sílvia (2010). Góis – Bases para um Plano Estratégico de Desenvolvimento do Turismo. Tese de Mestrado em Turismo, Especialização em Gestão Estratégica de Destinos Turísticos. Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril;

**Sítios de internet:**

- <http://espacociencias.com>
- <http://www.adiber.pt>
- <http://www.aldeiasdoxisto.pt>
- <http://www.ccdrc.pt>
- <http://www.cm-gois.pt>
- <http://www.cm-lousa.pt>
- <http://www.dre.pt>
- <http://www.gpp.pt/drural>
- <http://www.icnf.pt>
- <http://www.infopedia.pt>
- <http://www.proder.pt>
- <http://www.rotas.xl.pt>
- <http://www.wttc.org>

Anexos

## Projeto de arquitetura

O projeto de arquitetura para a aldeia do Lural foi elaborado pelo Atelier PuraPoesia, arquitetura, planeamento e design, com a coordenação do Arquiteto Carlos Santos e prevê a intervenção em todas as estruturas edificadas. Este projeto teve como filosofia de intervenção a reabilitação e remodelação das construções edificadas, adaptando-as à modernidade e ao novo uso – empreendimento turístico na modalidade de Turismo de aldeia. Sem cair em revivalismos ou falsos purismos conservadores, procurou-se respeitar as principais características morfotipológicas e arquitetónicas das diversas estruturas edificadas existentes (casas de habitação, palheiros e currais), adaptando a cada estrutura individualmente, os novos programas de utilização turística. Respeitou-se, dentro do possível, o número de pisos existentes, o número de águas das coberturas, as respetivas inclinações das mesmas e a imagem vernacular do conjunto edificado. No entanto, no interior dos edifícios deverá existir o conforto, requisito fundamental da vida moderna e em unidades turísticas desta natureza, resultando num contraste bastante vincado com a rudeza e austeridade do exterior.

Através de um apurado levantamento do estado de conservação dos materiais constituintes de cada uma das estruturas edificadas foi possível identificar o que realmente deveria ser recuperado. Devido ao seu avançado estado de deterioração, a maioria dos elementos de madeira de pinho ou castanho, dos vãos de portas e janelas, divisórias e estruturas dos soalhos e coberturas, deverão ser substituídos. Relativamente às alvenarias de pedra de xisto, algumas destas estruturas, devido à ausência de argamassas consolidantes ou excessivo acabamento, terão de ser demolidas e posteriormente reconstruídas. Nas novas ampliações previstas, tanto em altura como em área de implantação, a opção recaiu para a utilização de estruturas de madeira. Para cumprimento dos pés-direitos exigíveis pelo Regulamento Geral das Edificações Urbanas (RGEU) e para as áreas mínimas de alojamento e serviços complementares de apoio, foi necessário, nalguns casos, aumentar o pé-direito e ampliar as áreas de alguns edifícios.

Para potenciar o comportamento térmico das novas construções, todas as paredes exteriores serão revestidas interiormente com isolamento térmico e posteriormente revestidas com placas de gesso cartonado. Nas novas reconstruções de edifícios em que o sistema estrutural preconizado será o porticado de viga/pilar de betão armado, as paredes exteriores serão duplas, compostas por alvenaria de xisto (no exterior) e alvenaria de bloco térmico (no interior), com caixa-de-ar ventilada e isolamento térmico. As coberturas das diversas casas, tanto de ardósia como de chapa agrafada de zinco, serão assentes em

painéis sandwich, compostos por isolamento térmico. Os vãos de portas e janelas exteriores serão constituídos por caixilharias em pvc e vidro duplo por forma a garantir uma maior eficiência energética e acústica.

Todos os espaços interiores têm iluminação natural e apresentam, no que respeita aos acabamentos, nomeadamente de pavimentos, paredes e lambrins, cores claras. A iluminação dos principais espaços de utilização – quartos de dormir, salas de estar, kitchenettes, salas de atividade – serão objeto de apurado estudo luminotécnico de forma a homogeneizar e garantir um nível médio de iluminação. A iluminação será em regra do tipo LED, garantido uma vez mais, a eficiência energética.

Atendendo à zona climática do Lournal está previsto um sistema ativo de aquecimento central, a partir de caldeiras a gás a instalar em cada uma das casas, com radiadores e/ou convetores de parede distribuídos pelos diferentes espaços de utilização diária.